

**De Volta ao
Bilhar Grande**

1.

Era noite. O meu corpo afagava o de Dick, o cãozinho que agora estava comigo na casa da Floresta. Encertava uma garrafa de vinho *Alinha*, um branco néctar que me encimava os pensamentos, que me desorientara e ao mesmo tempo me reencontrava a mim mesmo. O entusiasmo para voltar a dar aulas regressara ao me espírito. Talvez fizesse o mestrado em ensino de Filosofia para o secundário, caso tivesse folga económica para isso e o doutoramento, de resto, parecia-me estar já feito. Apenas espera a audiência pública. Decidi, desde há alguns anos, dois ou três, ser feliz. Dava trabalho, mas recompensava extraordinariamente. A minha vida não tinha grande interesse, nem subjectivo nem objectivo, ou seja, social. Mas ainda assim continuava a ser feliz, ainda que não tenha casado nem tivesse tido filhos. Podia pensar: podia estar num convento ou num seminário, como padre, mas não estava. Tinha o mundo em aberto para o meu coração e a mente descansava um pouco mais dos seus achaques.

O país tinha dado um pulo nos costumes e enfim a felicidade tem sempre o seu custo, o seu reverso, o que caía em nome da maior violência, não apenas no espaço doméstico. Ainda há poucos anos, o meu pai ia comigo à Adega da Hortinha para comermos frango, lá, no restaurante, ou em casa e lá o senhor tinha problemas iguais ao meu. Que caminho percorri depois disso! Ainda falo com o meu pai, mas a distância que correspondemos um ao outro tem a ver

com o respeito que lhe tenho eu e a admiração que eu creio que ele me tem. As coisas mudaram para melhor, depois de bastante sofrimento e doidices que cheguem. Por isso, quero aproveitar cada momento...enquanto a felicidade não se vai embora e creio que não irá embora tão cedo pois a minha maneira de pensar mudou muito a partir de uma profunda reflexão sobre a finitude. Como uma luz que não se apaga, incide sobre qualquer objeto ou flor e vai embora quanto tem de ir. Causalidade ou causação? Não sei. Determinismo? Nem sei...Folheio *A História do Lince*, de Claude Lévi-Strauss...falta a filosofia descobrir a antropologia... Grande parte das pessoas julga que a (sua) felicidade está dependente não delas próprias mas dos outros... Não fui mais antropólogo por razões morais e económicas, por isso, devido a uma geografia mais restrita ao espaço nacional, decidi apostar na filosofia. Sem esquecer a antropologia.

2.

Olhava o retrato da minha família, tirado há alguns anos, antes de ter ido a Paris, altura do meu último e espero que mesmo último internamento, na Maison Blanche, não sei bem em que departamento, mas isso pouco importa, porque não pensava demasiado em voltar lá. Por vezes desesperava nesta espera de qualquer coisa que era o meu dia, a minha vez, o meu tempo. Procurei "Assim Falava Zaratustra", mas não estava em Riachos, ou seja, estava em Riachos mas, querendo ler um pouco de Nietzsche, tudo o que encontrei foi a obra sobre o autor da autoria de Gilles Deleuze...Mais uma noite em Riachos, no dia seguinte partiria para Lisboa de novo, desta feita com os meus. Estava pensando que iria levar uma reprimenda pela sujidade na casa de banho e o desplanto na cozinha, mas que se lixasse, aguentaria tudo isso e muito mais...na minha cabeça já estava doutorado há vários anos. Por vezes sentia uma solidão imensa e pensei, "O mundo inteiro está comigo" e não resultava, nada resultava e ainda assim, eu persistia, mais uma noite, sempre mais uma noite e outra, só, sem o afago de uma mulher a meu lado deitada, pensei "que teria feito para merecer tal sorte", mas sabia que tinha energia, que enquanto tivesse vivo as possibilidades poderiam conjecturalmente abrir-se de novo...

Interrogava-me como tinha tanta força de vontade para prosseguir um caminho, o meu caminho, sem ter apoio algum para tal. Mas eu acreditava que, apesar dos revezes, não era uma pessoa vulgar. Uma pessoa vulgar teria deixado cair a filosofia que eu estudara desde 97 de modo organizado, persistente e metódico, quase sem sair, sem ir a festas ou celebrações. Uma pessoa vulgar teria vindo ao de cima enquanto pessoa vulgar e poderia julgar-se ser melhor do que todos os outros sem fundamento algum. Eu julgava-me importante, porque a filosofia me ajudava a compreender o mundo e a mim mesmo. Não porque tivesse uma especial atenção ou preocupação em aceder a um certo status, não que não lutasse por lá chegar. A solidão cortava-me a alma como se foss eum músculo cortado, rasgado, coarctado e eu quase que caía, atordoado da razão, por vezes. Mas recompunha-me, chegava à cama para descansar e embora me levantasse dificilmente, arranjava sempre motivos para ter um bom dia e dele tirar sempre ensinamentos, para mim ou para os outros. Nesse aspeto, lembra-me dos meus irmãos e das conquistas do meu irmão que, ainda que nada sistematizasse, era, juntamente com o meu pai, um exemplo, de cidadão e homem...

3.

Como amestrar e dominar o tempo? Perguntem-me, em digo como. Párem os relógios, parem de correr conforme eles, de se desgastarem em nome do tempo ou da falta dele. O Tempo não existe, é uma representação. É uma ficção. Reúna-se a ONU e acabem com o relógios, fica tudo dependente da luz natural dos dias e da sucessão deles. Sim, decidi nesse dia em que o tempo passava inexoravelmente, sendo ele antropomórfico, ou seja, dele conhecemos a sua ação sobre nós, nada mais, foi nesse dia que decidi levar a cabo a minha *Teoria da Sociedade...*

Nesse dia de chuva miudinha de Janeiro, acordei baralhado por dois pesadelos mas logo me recompus ante a rebentação do meus cérebro e neurónios. Estava desalentado, da faculdade nenhuma notícia, elas não me ligavam, quero dizer, as mulheres. Era atroz...mas eu procurava esquecer e pensar em tempos melhores, sem dúvida em Lisboa. Por vezes, dizem que não há alunos para Filosofia, eu acho que isso depende dos professores, quando vêm alunos empenhados, sobre tudo em Portugal, não lhes ligam ou até troçam deles e os tentam demover. Mesmo sujeitas a concurso, as escolhas dos professores são sobretudo políticas e defendidas em torno da manutenção de um *status quo* de pensamento e expressão. Liguei diversas vezes para a faculdade nesse dia. Havia uma manifestação da função pública desde o Marquês de Pombal até São Bento. Sofria a bem sofrer, com dores de cabeça e os músculos todos doridos. Pensava seriamente em desistir, não achava assim

tão importante uma tese de doutoramento e ponderava seriamente dar aulas, pois estava bastante cansado e desanimado. Queria viver a vida. A felicidade, bem como a solução para o sentimento trágico da vida enquanto finitude está no *esquecimento do viver...* A doença mortal não era o desespero mas o torpor... que desesperava!... Tinha, de novo, ânimo em fazer coisas, ninguém me proibia ou coibia, é claro que todas as profissões têm os seus espinhos e calos, não isentas de sofrimento e stress. A vida custa (mais ou menos) a todos.

Vi a minha mãe na casa da caldeira chorando, aos cantos, com uns farrapos na mão, o meu pai por vezes implicava com tudo e notei que tinha dores de cabeça terríveis na frente, mas não se atrevia a falar ou dar sinal de fraco, mesmo correndo risco de ter um AVC ou ataque do coração. A mim, particularmente em nada me ajudava, a não ser a Casa do Jardim e a comida, de resto eu, que estava dias e dias seguidos por lá, não dava uma palavra de agrado ou contentamento, era bastante raro. Por isso, estava um pouco descrente dele e do departamento de Filosofia. Quanto mais me esforçava, mais de mim falavam, isso era socialmente lógico, mas eu continuava, fartei-me de ligar para a faculdade e nada... Já me haviam dito que nunca seria como o meu pai, vizinhos e outros, a minha mãe. Pois não, nunca seria, porque pelas merdas que tinha passado e feito era muito mais,...podia vir a ter uma vida bem indolente e descansada, recriada, mas não era meu feitio parar e sei que o meu pai, como outros, não me encaravam, porque tinham em relação a mim um certo complexo de inferioridade...Se fosse outro pai, cujo filho nem uma linha escrevia ou de assunto algum percebia, ajudava...mas este não, simplesmente não dava sequer o mínimo valor. Eu pertencia à estirpe daqueles

que nunca desistem (de pensar e fazer), enquanto outros se envolviam noutras contendas que eu não percebia e me eram estranhas.

Não vou dizer que era um exemplo de ética e comportamento, mas vou dizer que, face ao que tinha já passado, suplantava muitos, por aqui e além e o que parecia ser um ponto fraco, o convento e o seminário, era uma força, quando outros caíam a pouco e pouco, mas tarde ou mais cedo, não que a minha tática fosse esperar que caíssem meus inimigos, eu deixava-os viver e expulsava-os facilmente do meu espírito e pensar pegando num livro, num tema para desenvolver algo de verdadeiramente importante... Assim, embora andando de um lado para o outro, entre Riachos e Lisboa, a minha vida estava em transformação, como que uma doença de crescimento, com vista a ir o mais longe possível com/sem o doutoramento e assegurar um trabalho enquanto professor de Filosofia no secundário. Precisava de me firmar anteriormente e no terreno com o mestrado em Ensino, para depois ir alimentando uma ou outra actividade intelectual, acompanhada de escrita mais ou menos criativa, mais o menos responsável, mais ou menos nos termos de uma teoria social, de uma prosa filosófica, de uma literatura mais ou menos pura. Depois, peguei num livro de José Gil que explica, em todo o sentido mas particularmente em relação à arte, a minha percepção do mundo, no livro "A Imagem Nua e as Pequenas Percepções". E perguntava-me ainda, como deve a vida ser vivida? Qual o sentido dele se a vivermos enquanto dasei, com o Ego debruçado para a realidade como que para uma criança? É claro que ninguém quer ser pobre, é uma espécie de doença ou condenação e eu tinha um sem número de coisas que me davam felicidade e responsabilidade, a Casa de Lisboa e a casa de Jardim, teria de juntar em breve um carrito para percorrer o

país em *Novas Investigações Filosóficas*.... Custava-me mais, mas não ainda demais, escrever, encontrava uma solução de meio termo na distância que ia da antiga grafia do português e o acordo ortográfico, talvez nunca viesse a deixar de escrever, pois me sentia extremamente vivo ao fazê-lo.

4.

A minha mãe chora. Custa-me, mas ainda bem que o faz, pelo menos não está bloqueada. Chora por eu não ter ordenado nem trabalho. Eu creio que fiz muito, fiz tudo o que pude. Agora resta-me esperar, mas continuar a lutar, sinto que as coisas podem melhorar se continuar empenhado. Pior seria se não tivesse feito nada, nem os escritos nem o doutoramento ou mesmo a licenciatura. O que estava agora no topo dos meus interesses seria tirar o mestrado e o doutoramento e ter, digamos assim, uma casa, uma escola onde ir todos os dias. É claro que julgava ter aptidão e folga para dar aulas de Filosofia na faculdade, mas não sei porquê, seduziam-me mais os miúdos adolescentes, talvez porque também tivesse tido eu uma adolescência cheia de perguntas e incerteza, ao ponto de ajudar os miúdos, nem que fosse com alguma psicologia intuitiva e um certo sentido paternalista que os ajudaria a estarem resolvidos em termos vocacionais. Afinal, teria várias turmas, era o meu mundo, o que eu sempre deveria ter feito, tirado logo filosofia em Coimbra. Portanto, a situação estava-se concertando...e consertando. Quando a terra está prenhe e te empenhas numa determinada coisa, coisa válida e útil para os outros, o tempo acaba por te dar razão e tu acabas por conseguir os teus intentos em realizar os teus sonhos. Estava aqui pensando ainda em Danny, mas cada vez menos me preocupava assim bem como Sr. Acintoso e vários cromos que andavam por aí. Apenas um, Romão, me visitara nos hospitais em que tinha estado doente e isso seria coisa a considerar. Fazia tudo

para me concentrar nas minhas tarefas e não dar valor ou importância a esses tipos classificatórios...

Se Danny era tão bom sociólogo, tão importante a nível local, porque não casava? Ou seria gay? Há muitas pessoas sós em Lisboa que ainda procuram o amor, apesar das vicissitudes ainda nele acreditam. Se o gajo era tão bom, porque não casava? Ou teria algum problema de apresentação e representação? Não me esquecia das partidas que me havia pregado, do excesso de confiança que nele e na nossa amizade havia eu depositado, quando ele me abandonara desde cedo, logo desde que não se tinha mostrado amigo ao visitar-me em Coimbra...nesse tempo estava gozando à brava, na verdade, nunca havia passado dificuldades, nem fome nem problemas psíquicos em grandes contextos...qual quê...Podia estar aqui dias e dias a destilar razões para não ser amigo dele, mas havia um bocadinho em mim de in-genuidade que ainda lhe dava crédito. Mas cada vez menos, cada vez menos, até acabar!...Meia-duzia de artigos científicos, uma tese que durou anos a fazer, décadas. Um preguiçoso na faculdade, quando outros têm dentes mas não tem nozes... O tipo, como outros, não era gente, mas um garoto, senão vejamos: nunca entrou num hospital psiquiátrico, numa cadeia, num convento, numa tipografia...ahahahhahah, que imensa vontade de rir ver tanto tosco nos mais variados contextos, rurais ou citadinos que tempos de cosmo politanicamente aturar...Vontade de rir...Mas, enfim, eu nada tinha que ver com esses tipos, apenas queria continuar a minha obra e desenvolver uma tese ou outra mais, sob a forma de artigo ou livro. Vá. A felicidade, o sentido pleno da vida está em ter, de certo modo, noção do passado e do futuro enquanto evolvemos no presente e não é só coisa mental. O mental é útil, mas a transformação da

sociedade e evolução, em termos de realização, de nós mesmos, depende da emoção no tempo presente, do não exagerar na emoção, ser, em certa medida, disciplinado, ensinado, por ela mesma. Uma torrente inesgotável de palavras que se misturam umas comas outras, como num amplexo a dois...Depois de mais uma lição de Júlio Machado Vaz, a música de John Farnham, "You are the Voice"....Tudo se mantém em alta, mesmo que eu venha a adormecer daqui a umas horas, eivado de álcool, incluindo bagaço e vinho, já falam algumas pessoas nisso, mas eu não levo a sério, porque não sou alcoólico... O álcool é, para mim, um filtro como o do cigarro...Então, comecei a escrever um artigo para a revista *Mind*, que tomou o seguimento da forma de *Uma Teoria da Sociedade*.

5.

Fofura e desrazão, eis o social actual, entre sem-abrigo e notáveis legisladores que metem metade para o bolso, sem critério biográfico. Não temos de pedir desculpa pelos Descobrimentos. Misogenia e misandria. Nacional Nazismo: medo interiorizado para não levantar a garimpa. Camus. Parem com isso. Quero o meu doutoramento e as milnhas aulas. Possivelmente um lugar de professor universitário, justamente depois de tantos anos de estudo e experiência. Ser muito cumpridor, em geral, dá problemas, diz Inês Pedrosa na rádio. Sobre mulheres: nunca percebi: se o homem não exerce autoridade, pela força física e psíquica, é logo frouxo ou gay; se lhe bate é bruto e, de certa maneira, deixa de ser homem... Esqueceres, a todo o momento, o que estás a fazer, lembrando-o, desde logo, com consciência de que estás a fazer qualquer coisa...

Minhas aulas...minhas almas...

Queria deixar de ter ideias, deixar de pensar, no entanto continuam a florescer no meu espíritoas mais diversas associações e ideações em termos diversos e eu não nego, entrego-me a elas como a uma dama ou a uma cama vazia. Estava ficando preocupado, alguns julgavam que eu era uma espécie de sem-abrigo, logo eu, com dezenas de livros escritos e uma tese que marca definitivamente um novo paradigma na filosofia e nas ciências sociais...dá-me vontade de rir, novamente...Não, não estava negando a realidade, simplesmente levava a vida como todos, pelo melhor e pelo pior, tentando ser

eu mesmo, tinha alguma noção do meu destino, do meu caminho, mas ter tento disso não era coisa que me cegasse ou preocupasse, ter mão sobre o meu destino, o meu futuro. Ainda assim, assegurava-me que fosse o mais digno possível.

Tanta exigência! O meu pai nada dizia e nem sequer me emprestava um carro para sair de Riachos, que, para mim, era a casa e o caminho até ao café onde estava por pouco tempo, apenas para beber qualquer coisa e comprar tabaco. Nesse ano, tinha estado apenas com duas mulheres, três, para dizer a verdade. Isso da-me em doido, tinha sonhos agressivamente sexuais, quase tarados, ou seja, extremamente elaborados e até engraçados. Lá teria mais uma vez que me comprometer com um site de encontros para, pelo menos, me sentir melhor fisicamente. Fosse como fosse, o impacto da minha força tinha algum sentido em Lisboa e o sentido necessário em Riachos. Era um bom partido. Apenas precisava de descontraír.

6.

Ainda esperava viver um grande amor, que me encontrasse quase no final da jornada e me desse a satisfação plena da inserção no Outro e no Mundo, no Outro mundo fora de mim. Comecei então por redigir um texto para uma revista científica que não fosse chato, não repetisse ideias da tese e dos meus livros (literários, na sua grande parte, embora eu nunca tenha feito literatura). O dia rendeu bem, a minha mãe voltou a implicar comigo, uma vizinha perguntou-lhe se eu mandava nela. Pois, pois. Ora essa!...Via-me constantemente tentado, obrigado, a inventar a felicidade e descobria na pequenita uma amiguinha que mantinha o ambiente mais ou menos saudável, respirável. Trouxe para a Casa do Jardim a enciclopédia e alguns tomos de coleções, bem como *As Raças Humanas*. Tinha um contexto etnográfico global, a enciclopédia tinha bastantes entradas de filosofia, enfim, condição para continuar a produzir, embora me sentisse tremendamente só, no fundo, e carente fisicamente, tentado a ir às meninas de novo. Sempre a fugir de situações de merda e sem grandes amigos, mas tinha coragem e ia em frente, às vezes bastava-me a troca de duas ou três palavras com as miúdas que me serviam o café para ficar mais bem disposto e mudar o disco, a cassete que me dava música deprimente e me fazia lembrar que tinha todos os dias de começar do zero e ainda assim impelido pelo meu pai e minha mãe a fazer alguma concreção profissional para os satisfazer face aos outros...coisa que eu até compreendia, mas tinha de aguentar um pouco mais, não podia mudar,

nessa altura, de rota, de rumo, face ao que tinha já conquistado, desta vez com mais calma e paciência, bebendo um pouco de vinho e fumando um cigarro. Falavam na aldeia do facto de eu beber, mas não dava grande importância ao sucedido...Não tinha especiais saudades de Lisboa, apenas queria ver a minha obra a andar e dar as minhas aulas de filosofia, trabalhar, para entrar num ambiente mais são do que aquele em que vivia, se bem que esse não fosse mal de todo, eu acentuava-lhe os pontos positivos para me sentir melhor, mais animado. Mais uma semana, duas, três, sei lá, até começar a receber a bolsa. Pouco podia fazer, mas ainda assim fazia muita coisa e a solidão propulsionava essa negação de um torpor que muitos tinham à minha volta. Manu, entretanto, aparecera e fui com ele a Pombais comprar uma pen drive para instalar um programa no seu PC. O comer estava no forno. Em muito tempo finalmente uma refeição em paz, depois de não ter ido à baixa, depois de ter ido ao aeroporto, onde paguei uma água com dois euros e um café por um euro e vinte.

7.

Depois, cheguei ao tipo lisboeta sabichão que procura com a queca mostrar um ponto de vista. Então, imaginei uma história a começar no fim, como os árabes escrever, de trás para a frente, depois de fazer festas a um cão assustado. Sim, parecia cansado, farto de todo este processo, mas persistia, com bolas de Berlim e futebol, seco ou molhado, em dias em que a chuva devia cair e não caía, terei decerto muito para contar, mas ousava não desfiar o novelo como que para me fazer forte, como se a escrita fosse qualquer coisa como uma delação face ao crime perfeito, quando esse era inexistente e impossível. Ainda sem sorte com as miúdas, deixava de me fazer fácil e avançava, passo a passo, na rua da rua, na rua da minha casa. Julguei que havia qualquer coisa de antropológico contra mim, como se me impedisse de subir, mas tinha também ideia dessas coisas, dessas ideias e ainda que só na cida, tirando dois, três amigos, sem contar com os virtuais, eu readquirira o interesse pelo estudo, pela escrita, pelas coisas simples da vida. Depois, resolvi ausentar-me mentalmente um pouco e afinar a tese, depois de ter, nesse dia de cacos e remendos, voltado à faculdade. Uma filosofia positiva: eu digo que a filosofia tem respostas, sobretudo para as grandes questões da existência, humana e sobrehumana, alienígena até. Mas não vou ao ponto de dizer, como alguns, que só ela tem as respostas, até porque encontrei bastantes respostas na sociologia e na antropologia, que se debruçam sobre o dito "mundo". Estava, assim, a ponto de empreender uma filosofia da imenência, ao lado de muitas

outras filosofias...

Cansado. Claro que bebia álcool. Mas carente. Enfim, tinha de aguentar mais uma noite. Para mim as mulheres são todas iguais, não fosse antropólogo, mas perdia algum lastro a minha andança, via o cortejo como uma perda de tempo. Toda a escrita banal não é importante, não procura se desafiante mas apenas descrever o real. Para desafios (mentais e sentimentais) temos a filosofia e a antropologia. Nunca mais esqueci do vídeo da National Geographic...nunca mais esqueci os meus mestres, agora preciso deles e não são poucos, não é somente um ou dois, os que me orientaram na tese, mas muitos, desde Braga a Lisboa, passando por Coimbra e alguma coisa mais, tanto em Évora como no Porto ou Leiria. Sim, estava carente, para mim qualquer uma servia porque eu não forçava essas coisas, aprendia com o tempo no contexto de uma certa filosofia da experiência...Sim, eu contava a minha experiência do dia-a-dia, neste meu pequeno mundo, por vezes i-mundo na munda da mundividência do meu olhar, por vezes límpido, outras vezes translúcido como a água que não banhava o protozoário do Lago do Jardim. Conservava um sentimento algo ingênuo, ainda que carente, talvez por isso. Arrumava os livros e arrumava com eles (a eles mesmos e a outros que os liam ou escreviam). Contestava filosoficamente, com o meu sistema, que chegara à tona com a expressão filosofia e antropologia da experiência. Criava a primeira Cátedra de Antropologia Filosófica do país, ainda que tentasse dar aulas em Letras, em Lisboa, em Coimbra, em escolas secundárias, tentando esquecer Danny para fazer melhor do que ele, quando apenas fazia diferente dele. Manu reaparecera, quase curado do cancro que ainda tinha e eu previa

que ele iria conseguir livrar-se do bicho, ainda que estivesse ainda a fazer quimio. Eu fumava, por isso e por razões diversas, menos um pouco. Bebia a mesma coisa, talvez mais. Falava com o meu irmão, que fazia as repreensões que o meu pai, tenso e quase demente, não fazia. Ansiava por voltar a Lisboa, depois de o pequeno ter felizmente deixado o PC, que eu aproveitara para fazer as mais diversas e contundentes coisas. Pressionava a Faculdade para a entrega da bolsa, tendo intenção de vir a fazer o Mestrado em Ensino de Filosofia no secundário, aperfeiçoar a tese, dar aulas no Departamento de Filosofia, ensaiar um pósdoc na Universidade Fernando Pessoa em Psicologia Social, ideia que se podia muito bem converter num DeGrau desse género em Filosofia se viesse a vencer algum concurso na bolsa de emprego público.

8.

Já não sonhava com cabeças a explodir, a rebentar pus de dentro, mas julguei que todos se tinham tornado carecas, antes de doidos e que tinham sempre à mão uma mulher que lhes dava uma tremenda chapada nas carecas, lutando assim contra a devida violência doméstica, que inchava nos ecrãs da meia-dúzia de canais em língua portuguesa. Para o país. Juntei alguns livros e publiquei alguns livros meus nos diversos sites onde a minha obra estava exposta, como o meu corpo cadavérico, um sacrário ou uma fratura exposta do meu ser que teria sobrevoado (o meu Ego, sem dúvida) Fátima e Lisboa. Os personagens, a haver (porque não tinha tirado literatura), haveriam, além dos já referidos, aparecer mais adiante. Apareciam alguns na minha mente ao longo do dia. Eu sempre procurara respostas, desde pequeno. A filosofia fazia perguntas. A ciência dava respostas. A literatura dava paz de espírito e consentaneidade. E o mundo era grande. A minha vida desenhava-se tal qual eu a desenhara, entre Riachos e a capital. Mas precisava de viajar um pouco, talvez não para fora, pois estava algo em baixo de forma física. Precisava de correr e sabia que o faria logo que chegasse o calor do verão. E, além do mais, caso falhasse o meu emprenho em trabalhar para os outros, trabalharia para mim e meus sócios abrindo a empresa física que sucedera ao IES (ouYES), o IESL (Instituto de Estudos Superiores de Lisboa).

Finalmente, terminara um artigo para revista, nacional ou estrangeira, em língua inglesa ou portuguesa, uma espécie de introdução a uma obra de fundo que fui escrevendo desde 97, altura em que comecei a escrever filosofia e teoria social, além da tese, mas cuja temática ia um pouco ao seu encontro, escrita em mais de vinte cadernos A4 e A5 que estavam na sala da casa de Lisboa. Sim, tinha zigzaguiado nas instituições, talvez ainda bem para a minha saúde mental e intelectual enquanto autor...

9.

No outro dia, vi três belezas no aeroporto e duas estavam de calças de plástico pretas, como se fossem invólucros prontos para o sexo. Duas delas deveriam estar no negócio do sexo. Pareciam-me demasiado bonitas para serem simples donas de casa. Era o tipo de mulher que não embarcava numa aventura sem o devido cheque (xeique) ou saldo na conta bancária. Eu passara três semanas em branco e nesse dia anterior fiquei vendo coisas de outra maneira em prejuízo da minha narrativa, que ia de pobre em popa. A barba estava de cinco dias e o meu perfil, como dissera a polaca que em tempos conheci, era o de um romano. Só que poucos sabiam que eu era luso, gaulês e hispano... Tinham passado várias semanas, quase dois meses, desde que desistira de escrever, porém, absorto no meu mundo de ideias, umas mais convnientes e moralizantes do que outras, optei por continuar este livros, em vez de o considerar como cavalo de batalha, entre outros, para com a sociedade. Não me via a ponto de trabalhar, a bolsa, que estava garantida, fugia à última da hora e eu propus a discussão da tese em vez dela à faculdade e à reitoria...

Sim, eu dava demasiado importância ao sexo, por isso não o tinha, nem porventura seria algo, um fenómeno, sobre o qual deveríamos ter um sentimento de posse, em certa arribasentia a dificuldade em me libertar, o fantasma da homossexualidade pairava sobre mim sempre que me levantava, de uma maneira ou de outra teria de viver com o pensamento dos fundilhos,

sim, ainda escrevia sobre mim, sobre a minha visão do mundo, como se a minha mente fosse uma camara perfeccionista e inquisidora da realidade, quando haveria decerto outros problemas, no sentido não apenas filosóficos, a resolver, a cobrir. Eu estava só porque talvez me invejassem uma certa arte de ver e fazer as coisas, porém não desistia e continuava o meu caminho sem eles, sem esses "amigos" que encontrava ou não encontrava na rua, entre Riachos e Lisboa, ou na internet, no facebook ou, por exemplo, no LinkedIn. Também tinha que gostasse de mim de certa forma sobrenatural, mas isso não se notava. Esperava um tempo, deixava-me estar em casa, mais um dia em casa, porque de certa maneira faltava cumprir-se qualquer coisa que tinha a ver com algo intimamente muito meu, ou seja, os meus escritos e as minhas tese, algo que advinha de uma veia criativa e algo que porvinha de uma veiz científica, quando a ciência também pode ser criativa e o é certamente nos termos da ciência social e da filosofia, em que muitas vezes temos de deixar de sermos quem somos, ainda que provisoriamente, para a teoria, o conhecimento, nos sorrir aos dedos que muitos querem cortar e que nos salvam dia após dia da loucura. A ideia de que tinha feito alguma porcaria ao longo da vida, mas, a não ser com duas ou três pessoas, encontrava-me bastante tranquilo na minha consciência, não tinha feito nada de grave e o conhecimento da consciência colectiva que eu tinha teria a ver com a minha profissão e seriam, digamos, ossos do ofício. Para bem e para mal, enquanto a parte filosófica moralizava a todo o momento, como se o homem em mim não fosse também um animal. A vantagem do escritor face ao desportista é que ele se pode fazer sexo na véspera de uma grande competição, a mim isso a juda-me a ter inspiração, muito mais do que ter o pensamento entulhado de imagens

mais ou menos avassaladoras, mais ou menos provocantes. Olhava a minha cama de Lisboa e via a cama de Riachos e, embora o pensamento não fosse reconfortante cem por cento, imaginava por lá uma linda mulher deitada enquanto eu me vestia para o trabalho, pela manhã. Tentava, mas não conseguia sair deste círculo de solipsismo, embora tivesse visto Vanda, de Leiriena, que fora minha colga no Liceu Secundário, passar no autocarro. Desenvolvera por ela uma paixoneta. E ainda a amava, se bem que não quisesse fazer vida com ela...

Por vezes sentia que me tinha fora de controlo, outras vezes, que controlava o meu destino em ambas as mãos, mas a minha posição era, no geral, insegura e cautelosa, eu tinha tido muitos dissabores, pessoas que tinham chegado e nem adeus tinham dito. Porque continuava a pensar e a sentir essas pessoas dentro de mim? Porque não teria outras para as substituir? Não creio, eu saía duas, tres vezes por dia de casa, é certo que não ia a lugares específicos, apenas o Aeroporto, a Estação do Oriente, pouco mais, e sentia alguma capacidade de agrado a mim mesmo por parte de mim e dos outros, enquanto as ambulâncias passavam, quase de hora a hora, e os conflitos vistos na CMTV aumentavam em grau, quantidade e complexidade, enquanto eu me alheava um pouco disso tudo talvez porque já teria tido os meus próprios problemas. Assim, a minha vida, semanas depois, passara a andar à volta da escrita e da academia, uma volta ao "bilhar grande", como que um convite para a sedução e a festa sexual. Muitos me chamavam tolo, sem intenção, sem propósito e comportamento, mas eu andava feliz, numa felicidade que eu tinha inventado, sem grandes recursos e afectos, sem carro e dinheiro para satisfazer apetites da carne ou do espírito, ou seja, até os livros eram em PDF, mais de sete mil,

matéria para eu poder prosseguir as minhas reflexões e investigações, mais ou menos sociais, mais ou menos metafísicas e não me rendia, pois nunca quis ser re-conhecido com uma pessoa que não cumpre, que não termina as suas tarefas. Creio que os meus também andavam, mais ou menos, reconfortados com a ideia de um dia, mais tarde ou mais cedo, eu conseguir o meu grau. O isolamento por ser escritor seria uma coisa que eu tinha de controlar e comecei a perceber que, se daqui, deste lugar de Moscat, nenhum dama se aproximava poderia pensar que eu ou era gay ou tinha um arcabouço mental, sentimental, até, com o qual era difícil de lidar. Toda uma vida a consertar o lugar para a dama aparecer e se sentar levavam-me a optar por uma outra vida, bastante mais interessante, sob vários pontos de vista. Tinha um acordo com a minha irmã e talvez ele implicasse não casar...

Eu iria vencer, mais cedo ou mais tarde e fazia tudo para que isso acontecesse, até com uma certa magia e reperava, entre outras coisas, que os outros me imitavam, e até os da academia o fazia...

10.

Sim, se não fumasse tinha grande talento para o futebol, para a corrida. Mas fumava e daí para a literatura seria um caminho umas vezes fácil outras complicado, cheio de truques, mas igualmente compensatório. Descobri, em certo sentido, o que vários autores já haviam enunciado, de que o acto não evoca a modificação da realidade, ou implica uma alteração de estado de espírito, porque a realidade é a nossa mente e a mente é essencialmente voz e halo, representação (que eu sempre tomei em sentido filosófico e não tanto antropológico). Sim, e percebia que a manifestação de interesse, quando em demasiada, demonstra exactamente o contrário ou a vontade de manipular essa conquista, instrumentalizá-la, como se ela não tivesse no nosso espírito, ossos e quotidiano, como se não fizesse parte de nós. Eu, no meu percurso nunca me tinha entregado assim às coisas como a este doutoramento e o mesmo acontecera com a licenciatura, o que acontecia é que espremia tanto que após algum tempo perdia esse interesse, de tão apaixonado e radical era, indo eu de lócus em lócus no e do pensamento e das actividades intelectuais.

11.

Olhava de novo para a cama, meio-feita. Sim, tinha agora condições para continuar a produzir, fosse do que fosse e sim, tinha valido a pena, eu estava em pleno amadurecimento das minhas qualidades ao serviço da escrita e poderia almejar a ideia de num futuro bem próximo, chegar a qualquer lugar onde não tinha chegado. A questão é: continuaria fazendo isto ou teria entusiasmo e motivação, para além das forças, para retomar as aulas, fosse em que nível fosse? Era essa a minha grande interrogação, mas mesmo assim, não me detinha muito nesses pensamentos. Não mais. Deixava-me enlevar pela música de violino de Bach, oitavas sétimas, acordes...muito pouco dissonantes.

O sofrimento do filósofo é pelo saber, é qualquer coisa que não é deste mundo, mas que por outro lado, pertence a ele, dando-lhe significação, porque o filósofo, quanto mais brilhante mais dificuldades passa, dentro e fora da academia e quanto mais sagaz, por um lado deixando de acreditar num deus piegas e tradicional, acredita tanto nele quanto num Deus moderno, hipermoderno, contemporizador, sendo que dizer que ele é uma re-presentação da sociedade pode explicar muita coisa, mas não explica tudo, não explica o inexplicável que assomou à face da terra dos humanos...

12.

Quando menos me parecia, quando pensava que me ia abaixo, inclusive quando me davam pontadas nas fontes em particular e no cérebro em geral, eu continuava, não forçando muito, como quando fazia nas corridas e nesse tempo que estava aquecendo, descobria a vontade de crescer correndo, tornar-me melhor, no desafio de mim mesmo. Um certo ar agridoce pela faculdade, mas ainda esperava qualquer coisa dela e nesse rumor de um êxito retumbante, que faria descansar os meus pais, vivia eu, esperando que eles ainda vivessem a tempo de ver outros sucessos meus ou apenas o resultado e as implicações deste mesmo grande êxito, não aos vinte cinco nem aos trinta e cinco, mas aos cinquenta, uma prenda atrasada que me faria bastante feliz...

Sim, uma pontada nas fontes, embora as dores de há dois dias tivessem desaparecido. Ainda pensava no meu amigo Mingas e em como ele tinha morrido e em como eu, mesmo na eminência da morte, ou talvez a partir dela e a de outros, como Quimé, tinha persistido no meu caminho de escrita, para chegar onde cheguei, ou seja, a ponto tanto de continuar como quanto de recomeçar tudo de novo. E, entre pensamentos mais ou menos descomplicados, lembrava-me do chilrear lá em Riachos, onde tudo começou e também do Tico, o cãozinho que ladrada, como todos os cães, sensivelmente, por tudo e por nada, só porque têm bom faro e bom ouvido e não estranham o familiar como os antropólogos nem familiarizam o estranho como eles mesmos.

13.

Sim, as pontadas voltaram. E as obsessões eram cada vez mais fortes e violentas e não me deixavam mesmo quando estava abatido no chão, contorcendo-me de dores. Eu procurava dominar esta desdita que provinha de uma certa composição do sangue ou dos neurónios, do sistema nervoso, e por vezes até julgava que me tinha curado por uma forma especial de ver o mundo que se colara nele, como barro à parede. Podia, em certos dias, e mesmo face à possibilidade de obter o grau que tanto desejava, dizer que estava curado. Mas não estava, nem nunca estaria. Estas coisas são para a vida, fazem-me parte do seu sangue, osso e ossogoto...

Depois, finalmente e depois de aturada observação e ponderação, encontrei o corolário da minha tese sobre o racismo, tomando por exemplo o futebol: o negro é negro, ele não precisa de ser branco e ser tratado como branco, o seu contexto é tão válido quanto o do branco e não é necessariamente África, por questões de uma certa antropologia e metafísica geográfica. Ele deve ser tratado da mesma maneira, mas ao mesmo tempo, de outra maneira, porque ser-negro não quer dizer necessariamente estar vinculado a uma cultura africana. Muitos têm cultura portuguesa, inglesa, francesa, americana e está mais inflada de orgulho do que a de muitos brancos desleixados em sua identidade e que querem mais e sempre mais e não sabem ser felizes com o que têm necessariamente porque têm várias ordens de poder e não querem dele

abdicar, nem está disposto a ser enchovalhado e humilhado como a maioria dos negros na Europa. Daí grande parte dos conflitos.

Daí um debate sobre o racismo, que já vem tarde mas ainda a tempo, evitando o crescendo do Chega e outros movimentos de extrema direita. Felizmente, os próprios partidos de Direita se vão consertando face a uma realidade social que quase sempre tem pouco a ver com África, mais a ver com Lisboa, Madrid, Paris, Boston ou Filadélfia.

Sirvo-me da quarta cerveja deste dia. Mais logo dá a bola na TV, posso também ouvir o relato na rádio. A cerveja está no canto da mesa, penso em mim, tanto quanto penso nos outros, cada vez menos em mim, cada vez menos nos outros, penso e contemplo a ausência do amor que me foge há anos, pelo menos desde dois mil e dez, entrecortada essa falta, essa lacuna, ausência, esse vão da minha existência, com relações mais ou menos corporais, físicas ao ponto de o amplexo, sob várias formas, desenhos e feitios, não me largam antes e depois de dormir, ou seja, mesmo quando me levanto. Ainda sou um homem desejável, mas não me preparado demasiado, Tenho de comprar um novo perfume.

14.

Fui vendo que publiquei apenas *Caderno de Encargos*, enquanto meu clássico, mas abandonei três outras obras, distintas, a saber, *Crônicas de um Antropólogo*, *Cristo, Cravo e Rosa* e *Crônica dos Desejos Inconfessáveis*, pelo que notei que escrevi bastante enquanto tive doente e comecei por fazer prosa bastante telenovelística, até chegar a uma série distinta, a partir de 2016, a algo parecido com um estilo próprio... Isto a propósito do quê? Não vou pegar de novo nessas obras e fazer delas cavalo de batalha, também escrevi coisas de teoria social e filosofia e não faço disso cavalo de batalha, embora prepare um artigo para uma revista, mas não sei bem qual, talvez espere pela chamada de artigos de uma qualquer delas... Sim, talvez tenha esperado demais do que a realidade me podia dar, ainda assim eu sempre estive, como bom antropólogo, dependente do que ela me oferecia. A minha escrita não é de todo etérea e fantasista, como a minha filosofia. Alicerça-se e tem raízes numa realidade bem particular, entre dois pólos, Lisboa e Riachos. Mas também fala de outro lugares, do Minho e do Alentejo, dos tempos em que não estive tão bem quanto isso e quando não conseguia trabalhar, dos bloqueios e das desgarradas da escrita, da reflexão, de uma obra que poderá continuar noutros termos, pois retirei todos os meus livros da internet, livros que fui oferecendo a quase toda a gente todo este tempo. Que desmazelado e generoso fui eu, quando tudo isto me saía do sangue da alma!

15.

Assim, o bom autor não é aquele que se sacrifica em nome da sua obra, já não estamos em tempos desses, de um Rousseau, Camões ou Montesquieu. Hoje, de certa maneira, o mais fácil é ser criativo, sabe-se (de) tudo. O bom autor é aquele que chega ao pico da fama e deseja voltar para trás no tempo, decidindo viver a vida e não ser vítima da sua própria imaginação, muitas das vezes por causa de mulheres, pois elas geralmente não toleram um homem aflito nem se sentem seguras assim com um lírico à porta da sua presença e consciência. Liguei para a minha mãe, como ligava todos os dias, uma ou duas vezes. O Benfica jogaria mais logo e, como sempre, eu estaria teclando, é o meu método, ouvir relato ou os comentários do Futre e destilar as minhas ideias como se fosse um contraponto à alternativa mais ou menos saudável da minha alma, como se estivesse a dar dicas nos termos de um powerpoint em formação de uma área mais ou menos específica, entre o concreto e o abstrato, sem sem uma ou outra coisa definitivamente, porque há muito quem se dedique às concreções deve haver quem não a elas se dedique... Sim, eu acordava mal disposto, os personagens estavam novamente longe da minha consciência, odiava um ou outro actor e autor, embora aceitasse mais ou menos tudo o que vinha das literaturas -desde a ciência à filosofia- e não impunha o meu crivo de doutorando em Filosofia, tendencialmente doutorado e autor de uma literária bastante significativa e influenciadora (ao mesmo tempo que influenciada), por uma certa área, uma certa situação, um certo

contexto, um certo sonho idílico do trabalho da felicidade, ainda que sem
dama no meu espaço físico...

16.

Nunca saberia realmente porque o meu pai estava zangado comigo. Eu havia cumprido, mas faltava qualquer coisa para os fazer sentir realizados e tal coisa seria o meu sucesso, acreditando ele que viria da escrita e do doutoramento. Por isso, deixava-me estar em casa, alimentando esse sonho, enquanto os de lá fora mandavam bocas, observações, e ainda por cima poderia eu pensar que eram vozes. De modo que me encontrava mais ou menos tenso em relação a isso e a tudo, cansado, já quase velho e, mesmo com a barba feita, um pouco velho e desgastado, mas ainda conservava a atratividade de outros tempos quando me preparava bem. Depois, como já fizera com Espinoza, lembrei-me de escrever um *Tratado da Felicidade*, seguindo ideias de Damião de Goes. Mas...que sabia eu da felicidade? Se seria feliz, ainda que só, o que mais poderia ser quando estivesse realmente com alguém? Que coisas e obras belas poderia eu deduzir? No entanto, estava passando o meu tempo... Depois, cheguei a um epílogo nos meus pensamentos: se a tese fosse rejeitada de novo, arranjaria dinheiro, quer por trabalho quer por outra coisa, para pagar o mestrado em ensino, guardando a tese para mais tarde. E pronto, fim de preocupação e metodologia biográfica!...

17.

Noite esguia, essa, em que o Benfica e o Porto haviam saído da Liga Europa. Eu ainda fumava a bebia. Bastante, pois não via o fim, o fundo das coisas. Penso que isto seria, ao mesmo tempo, trabalho. Risos na rua, do lado de fora. Saudades de Riachos, não podia estar muito tempo, mais de uma semana, vá lá, entre um lugar e outro. Tinha a cabeça a arder e doíam-me de novo as fontes. Há tempos que não estava com uma mulher, sendo que no ano anterior apenas estivera duas vezes, sem tirar Jasmim, com quem tinha estado cerca de um mês... O país, como a cidade, estava cheio de garotos de rua, que sofriam por outras coisas que não a escolaridade e muitos não sabiam sofrer em nome de certas coisas como a cultura e talvez pensassem que a sua era a melhor. Sempre fugira disso, embora a rua não me fosse alheia ao sentimento, pois é dos sítios mais democráticos que conheço. Inscrevera-me no site de encontros de novo, por mais três meses. Não conseguira arranjar ninguém nas duas subscrições anteriores. Deixei de forçar, mas custava-me ir deitar sem pensar em ninguém, apenas na vaga e romântica imagem de uma ou duas da minha infância, do meu passado, nunca daquelas que via na net...

18.

Mais um dia, os vizinhos e alguns mais ou menos conhecidos, queriam falar comigo, mas a ante a eminência não-parda de mim mesmo, nem sequer parva, eu recusava, face à receção que tinha tido nesses primeiros dias em que viera morar para Moscat. Não estava disposto a fazer valer o meu sofrimento senão para as coisas que muito bem me interessavam. A pequenita fazia anos, eu retirara todos os meus livros da internet. Apetecia-me comprar mais um pack de cerveja ou panaché, no dia anterior havia bebido 18, mais seis de cola, será que me estou a gabar disso, eu, o grande teórico da sociedade contemporânea, hesitando a ir até Riachos porque, na verdade, pouco havia conseguido em Lisboa...apenas uma consciência de que era um tipo importante que trabalhar nas letras, uma consciência talvez mais do que social... Depois, nesse dia, aprendi, ainda por mais antropólogo que era, a repeitaqr o negro no que ele era e não tanto torná-lo mais branco que ele já era por via da necessidade de sobreviver. Em Moscat, os dias eram aziagos, não fosse a relativa felicidade em que vivia em casa esperando alguma notícia da faculdade. As pessoas era antipáticas e quezilentes, falavam por tudo e por nada e a solidariedade era bem relativa. Cansei de puxar por essa gente, aliás, não tinha muita obrigação disso, não só porque me sentisse só e mesmo a precisar de atenção, mas sobretudo porque não tinha obrigação disso, nem en quanto antropólogo.

19.

Deixo passar um tempo. Bebo uma cerveja. Acendo um cigarro. Ontem retirei todos os meus escritos da internet. Estou em casa na eminência de sair, dar uma volta, aos sítios do costume. A rua me parece estranha e bonita, eu familiarizo e entranho. O sol entra pela janela onde trabalho. Ligo à minha mãe, vou levantar dez euros e trago um pouco de presunto para juntar ao pão que já comprei ontem. Sim, os tempos confundem-se nesta narrativa, nem tudo é claro e estruturado, nesta realidade em que vivo. Pouca coisa é etérea nos tempos em que vivemos, quase tudo precisa de prova. Mais logo vou ver *A Peste*, de Camus, na RTP2, deitado no meu leito de vida, devido. Vou ao aeroporto, não vou, vou à Baixa, deslindar-me dos pensamentos que me enredam em casa, uns mais agradáveis do que outros. As equipas portuguesas foram eliminadas da Liga Europa, Porto, Sporting e Benfica. O senhor dos tabacos, que estavam sempre a fumar o seu à entrada do estabelecimento, que também era casa de apostas, deixou de estar no seu lugar. Terrá morrido? O filho dele parece ter pegado no negócio e levou-me a mais por um maço de tabaco, mas os monhés do canto, onde costumava ir e onde passo todos os dias que entro na cidade, tiraram férias, às tantas foram ao Bangladesh, enquanto outros se mantêm, como o dos telemóveis e o das frutas, um magro e quase ocidental, outro gorducho e bem hindu.

20.

Mais um dia. Solarengo, desta vez. Optei por limpar o teclado depois do almoço, ainda passava pela cama a ver o que acontecia à minha consciência. Estava teclando com o antigo. Não tinha assim tantas saudades de Riachos, a contar pelo tratamento da minha mãe e do meu pai. Manu tinha em mãos uma situação bem parecida, embora fosse mais velho do que eu. O velhote recusava-se a ajudá-lo na falta de dinheiro que ele tinha. O meu era igual, fora igual em todos estes anos. Não me dava conta de nada. Porque haveria então de me interessar pelas coisas dele? Talvez acreditasse que eu, estando mal a seus olhos, fosse para o outro lado antes dele. Mesmo assim, a minhas custas, mantinha um relação minimamente normal com ele.

Não conseguia para, estava desregulado com tanta bebida, a minha mãe bem me dizia, escrevia por tudo e por nada e conseguira, todos estes anos em que bebera, dois, três, consolidar uma grande obra de literatura, de filosofia, de ciência social. Mas, ainda não amava ninguém em particular, embora tivesse uma ou outra de quem gostasse no meu pensamento. Mas, talvez ao complexo da minha barriga e ao complexo de Nietzsche, perdera a vontade de meter conversa com alguma delas.

21.

Muitas pessoas evocam o nome de Deus em vão, mesmo conhecendo as suas mais diversas manifestações. Quando invocam o seu nome, não têm grande noção, a ideia é a do desconhecido -que lhes está acontecendo- e que tem por missão salvá-las. Só o retorno à inocência resgata o homem do jogo social que acabou por pervertê-lo... Manu, num desses dias que estava entre Luanda e Paris, disse-me ao chegarmos a Pombais: "Isto é tudo teu". Se fosse Cristo, rejeitava a sua observação. Mas não era. Nem tão pouco Francisco de Assis, nesse sentido achava que estava a tempo de realizar o sonho antigo de ter as mulheres de uma cidade inteira à minha disposição, isto acontecia tanto com Pombais quanto com Lizena, mas também o mesmo com Coimbrões...Podia voltar, mesmo que fosse para fazer jornalismo amador na imprensa escrita. Ou não, afinal eu deixara a imprensa regional escrita para me dedicar à antropologia, coisa que ainda durava aqui em Moscat, em Lisboa, embora a meio-gás, actividade entrecortada com outros, sobretudo online.

Todos queremos um contexto, todos procuramos o que a antropologia chamou de doméstico, natura domesticada, todos procuramos uma casa, um lugar, endroít que nos torna mais ou menos felizes, mais ou menos aptos. Por isso, eu digo que, em certo sentido terei ido além de Saramago e Lobo Antunes, porque a minha escrita combina o estilo deles os dois, embora tenha bebido mais influências no estilo dos mais diversos outros autores.

22.

Mais um dia. Tinha necessidade de ir do novo para Riachos e desligar-me de tudo. Uma semana em cheio que começou mal e acabou bem. Estava já a patinar, apetecia-me ir deitar, mas aguentava, minuto após minuto, hora após hora, até à noite que provaria o meu corpo na esteira, como se rasante fosse a minha escrita, tal qual q perspectiva de um drone sobre uma paisagem. Tinha vindo no Domingo, já tinha internet e tv, bem como telefone fixo e estava cansado, cansado de lutar e talvez fosse nesse mesmo dia para Riachos. O que é certo é que me fartei desta cidade. Nunca nela encontrei uma miúda com quem pudesse fazer vida, partilhar projetos e até casar. Não tem nada a ver com a herança árabe ou dos muitos alentejanos que estão por aqui, tem a ver com a atitude das pessoas, que tanto lembram quanto esquecem e isto não é muito ou nada nova-iorquino, é como que quanto mais te esforças pior é, eu tenho essa sensação, se jogas de peito aberto aproveitam-se de ti, mesmo que voltes na próxima semana. Quando qualquer coisa acontece, fazem uma festa, sendo que a maior parte deles estão absolutamente deprimidos, de caixão à cova, por isso tomam mulheres e mais mulheres. E elas andam, por aí, encostadas aos passeios e os turistas seguem, silenciosos como a Pantera Cor-de Rosa, não dizendo nada, não querendo nada, mas tirando suas conclusões. Muitos falam abertamente da lassidão de Lisboa, aqui e por todo o mundo. O lugar onde se está bem, não sendo daqui, porque muitas pessoas trabalham e levam vida mais ou menos honesta, tendo de buscar na aventura de todos os

dias o seu ganha pão, muitas vezes para um filho que fizeram por amor, para uma família que ainda têm, como Tonar, o jovem que vive com os pais e espera, talvez, herdar a casa e viver com uma dama, como eu espero...

23.

O tipo mais ajuizado, se for questão de perceber isso, será aquele que nunca andou nos seminários? Boa pergunta. Será esse o tipo mais certo, que nunca se desviou das balas e nunca consultou os extremos? E os extremos se tocam para fazer o homem normal. Casar, ter filhos, um automóvel, uma carreira e muitos amigos, parece ser esse o desígnio do homem normal que, sem grandes problemas progride em termos de qualidade de vida sem grandes complicações existenciais. E, então, poder-nos-emos perguntar: porque há tantas pessoas que, apesar da mente suja e porca ("Uma Safardice Triste e Drogada") têm mais bom coração do que certos higienistas da mente, que não se preocupam assim tanto com o contacto e são, até, misantropos? Eu não sei explicar. Depois, chegava de sofrimento. O departamento nem calculava o que eu passava só por causa de um doutoramento. A minha mãe e irmã sofriam. Até o meu pai sofria, assim, por me ver assim, sem saída, enrolando tudo e todos para me imaginar bem, feliz. Mas talvez eu estivesse mesmo. Na vida adulta. Ficando resolvido. O tempo quase todo sem trabalhar e agora tendo uma luz ao fundo do túnel e ter de ir buscar forças onde não as tinha para continuar. Nem era por causa do meu pai...Era por causa dos outros... Passavam e nem se notava, para dentro de casa, silenciosamente, aqueles que tinha ao lado quando estava na casa de banho, precisamente a limpar o rabo, uns que se juntavam aos quantos que pensavam que eu seria maricas. Sim, devia estar longe deste espaço, eu sei que os homens se tornam gays quando ficam todos no mesmo

espaço. E se fosse gay? Eu ainda gostava de mulheres, portanto não creio que o fosse. E o que distingue o gay dos outros homens que cagam para fora, de mulheres que gostam de anal, seriam essas mulheres gay?!...

24.

Mas pronto. Aceitávamos isso com alguma naturalidade, como se fosse um bruxedo qualquer, preto ou branco não sabemos. Tínhamos alguns inimigos, na aldeia e na cidade, mas tínhamos também alguns amigos e o facto de não muita gente aparecer na Casa da Aldeia é sintomático de que, na cabeça de certas pessoas, a realidade não tinha mudado. Digo isto não repreciativamente, mas enquanto antropólogo e filósofo. Também sociólogo, de certa maneira ou, mais simplesmente, enquanto autor e escritor. Em conversa com o meu irmão, dissera-me que não passaria dos sessenta e cinco. O meu cunhado, que não chegaria à idade da minha mãe. O que eles não sabem é que aqueles que não têm doenças como eu tinha não estão habituados, salvo raras excepções, a sofrer e, muitas das vezes, o sofrimento, se não for extremo, obriga-nos a ficar deste lado, nem que seja como forma de perpetuação desse mesmo sofrimento (*Do Lado de Cá da Vida*)...

25.

Entretanto, morria a primeira pessoa nos EUA devido ao Corona Vírus. A coisa estava ficando séria, já havia vários casos de pessoas em quarentena entre nós. Eu preparava um artigo para uma revista de antropologia. Sentia-me hesitante, na fronteira entre antropologia e filosofia e creio que não queria sair de lá. Além da filosofia, havia uma quantidade de coisas que queria estudar, só estava à espera de uma resposta da faculdade para ver o que iria fazer, quando o meu destino estava traçado, não seria preciso ir aos States para ver a tese reconhecida e uma hipótese de aulas na mesma faculdade, embora eu temesse pela minha saúde, um pouco como Camus, pelo que sorria mais para as aulas na escola secundária, uns anos, depois logo se veria...

Insistia em escrever livros sem público, ateuava em estar em casa, talvez como desculpa devido ao vírus, que gerava um estado de emergência em vários países. Mas não se falava de África... Entretanto, tinha em vista uma miúda aqui de Moscat e esperava ansiosamente por falar com ela e a encontrar...

26.

Chateado com toda uma situação. Liguei à minha mãe, a voz estava fraca e esganiçada, mas estava tudo bem. Andava de um lado para o outro, inquieto, na casa, cansado e com pontadas na cabeça. Talvez estivesse perdendo o norte, talvez fosse apenas passageiro e precisasse de descansar. Mas eu não queria descansar. Fumei mais um pouco. Questionava-me como persistia, assim, sózinho em Lisboa, onde todos eram conhecidos e pouco eram amigos. Lembrava as palavras de censura de Lidador no Café de Riachos, mas persistia, talvez guiado por uma memória, apenas uma memória, a imagem do quarto do Padre Carlos de onde exalava música clássica. Eu, tinha ainda aqui, mais do que o meu quarto, a minha casa... Estava desalentado, mas buscava dentro de mim, no fundo de mim mesmo, razões para continuar: uma namorada em vista, trabalho numa escola, a escrita, sempre a escrita com que dialogava incessantemente, os meus pais, os meus irmãos, os meus sobrinhos, especialmente os dois pequenitos... Isto podia parecer pieguice, mas eu agarrava-me a isto como uma tábua de salvação, como à música clássica, como a Santo António e São Francisco de Assim, não eu não era santo, mas andava lá bem perto, não fosse as merdas que tinha visto e feito... Sim, parecia que estava condenado a errar errante por aí, a ficar com gosto ou perturbação em casa, a não fazer nada de especial. No entanto, tinha esperança e procurava dentro de mim mais e mais motivação...

27.

Passaram dias e mais dias, não vislumbrava grande vontade de voltar a Pombais ou Lérída, estava um tempo em Riachos e outro tempo em Lisboa, grande parte do tempo, para mais em tempo de vírus corona. Ao mesmo tempo, ainda desejava dar aulas de filosofia, mesmo que a solidão se adensasse. Não tirei o passe, não fui a menina alguma. É claro que estava carente e isso aumentava o meu intento de estar por Riachos e ir até Pombais ou Lérída, mesmo até Conímbriga... Se grande coisa de extraordinário na minha vida, eu prendia-me à rotina. E mesmo sem fazer grande filosofia, a grande filosofia, eu continuava a achar que ela seria, além da religião, a grande resposta para pequenos e grandes problemas... Estaria errado? O homem não inventa sempre novos sistemas de pensamentos e novas práticas? Novas religiões e formas de sabedoria? Eu acho que sim, que quando o homem deixar de inventar, grande problema vem ao mundo. Sim, essa solidão que voltada a sentir em Lisboa, a ponto de considerar que este seria o momento ideal para ter uma namorada, ainque que muitos prefiram os nossos amigos. Essa solidão que combatia com vinho e cerveja, com tabaco e pouco mais, a ponto de poder dar um salto no tempo para quando estivesse melhor, quando tivesse um contexto escolar, a "minha coisa", o meu lócus de felicidade e empenho. Sim, algumas das coisas que me faziam um ser estruturado estavam soçobrando como torrões de terra seca, mas outras iam sendo substituídas. Eu não era gay, por mais dúvidas que tivesse planteado nesse sentido durante alguns anos,

procurava sempre as miúdas. Talvez estivesse demasiado entre Riachos e Lisboa, apenas, não mais, somente nesse sentido e isso fizesse com que a solidão fosse cada vez mais atroz, também pelo medo de voltar a ser ferido assim que me envolvesse com alguém. Pela primeira vez, eu não corria atrás da satisfação dos meus apetites e, ainda que fora da academia, tinha não só chegado a estados de espírito assinaláveis, mas a conquistas, sociais, digamos assim, que talvez nunca tivesse sonhado. Mas tal não era permanente, como aliás, coisa nenhuma nesse início da década de vinte do século XXI.

28.

E, em certa medida, comecei a interrogar-me acintosamente: que estaria eu a fazer em Moscat senão viver, tentar viver, arranjar uma lisboeta para ali passar o resto dos meus dias? Sim, talvez fosse isso, não havia que enganar, não havia nenhum estudo, nem filosófico nem antropológico ou, talvez por isso mesmo, por esse olhar despreocupado que por vezes tinha sobre mim mesmo, fosse um estudo extremamente notável, para mais sem grandes contornos de afecto que não fosse da família... Era tara minha, as pessoas sabiam quem eu era, quase todas, isto funcionava como uma aldeia em ponto grande, à entrada em Lisboa, onde já tivera bons e maus momentos...E os maus tinham sido de culpa minha, quase exclusivamente...

Isto é assim, tirado da minha experiência de cientista social: todas as acções afetam os outros e as boas não se perdem, multiplicam-se por vezes melhor do que as más, diria na maior parte das vezes. Por isso, escolhe as boas acções, medita. Nunca ninguém disse que seria fácil. Lembra-te todo o sofrimento é ensinamento, conhecimento, sobretudo de Ti-Mesmo e é bom esse decoro que tens de ti mesmo ante os outros. Fica bem.

29.

Sim, talvez nas maningâncias do Ser (isto e mais aquilo), estivesse a fazer o que era certo, expectável, pelo menos para mim e os meus. Iria ainda ficar naquela casa algum tempo, talvez aparecesse alguém com quem viver, talvez a minha irmã comprasse um estúdio para o pequeno, se ele quisesse vir para Lisboa, nunca se sabia ao certo o que iria acontecer, num mundo de características bastante voláteis. Mas, não era tudo isso, toda essa maneira de Ser, uma forma, senão de dominar, pelo menos de contornar, iludir, o Tempo? Depois, pensava no meu pequenito e na pequenita e, estando em Riachos, podia acompanhá-los mais à-vontade, daí a ideia da América ser, ao mesmo tempo, justificada e descabida, pois teria sempre coisas a fazer por cá. Depois, comecei a aceitar a realidade e tudo se tornou menos penoso, comecei a acreditar que o que tinha feito até agora, apesar de não ter tido um trabalho constante e oficial, ia de encontro a qualquer coisa que eu ainda seria. Pensei em fazer-me sócio do SC e Salgueiros, onde o futebolista Carlos Manuel tinha sido treinador. E achava que o clube já não existia, mas fui ver à net e lá o encontrei nos escalões distritais da AF do Porto.

30.

Por vezes, no calor do virtual, dizemos o que não queremos dizer e, por estarmos sós e sem sorte, pensamos que um passe de mágica virtual pode mudar a nossa condições, esquecendo a condição essencial: Ronaldo, como Mourinho ou Jorge Jesus, para serem quem são, fizeram uma construção, foi resultado do esforço a sua carreira, os lugares que ocupam, o entusiasmo que suscitam. Assim é com o escritor; precisa de dar um pouco, todos os dias, mais ou menos, para mais tarde vir a colher... Eu não queria limpar a minha consciência de nada, vivia numa culpa de pensamentos e pensava que o erro por não Ter, não Ser certas coisas era só dos outros, mas na verdade era substancialmente meu... Sim, que peso deve ter uma história contada por mim, que nem sequer fiz literatura? Decerto o que estou escrevendo não o é, ou será um misto de tudo e mais alguma coisa. Recentemente, voltei a escrever um ou dois poemas. Talvez devêsse fazê-lo em definitivo. Lembro-me dos tempos no jornal regional, em que escrevia a minha *Crónica dos Dias*. A minha mãe está comigo, no entanto, sinto-me só, pois exigem tudo e mais alguma coisa de mim e eu lá vou aguentando, no meio de tanta solidão e, de certo modo a minha carreira progride, ainda assim. Não conheci nenhuma miúda do bairro e isso preocupa-me, até certo ponto. É que não consigo ser mau, sou ofendido e não respondo, engolo os sapos todos.

31.

É curioso: se eu não tinha sorte com elas e talvez isso se devesse à minha imagem social. Mas isso não é contraditório? Se tivesse, como sabia que tinha, boa noção e imagem social de mim mesmo, alguma coisa deveria acontecer. Mas não, nada acontecia, nem sequer online. As mulheres, hoje em dia, não se ofereciam, a não ser aquelas que queria apenas dinheiro... Acabava todos e mais alguns dias só na cama, sem trabalho e grande dinheiro, talvez por filosofar, coisa a que as pessoas em geral davam valor, por um lado, mas como que não se importavam, por outro lado, como se estivesse condenado a viver só na minha ânfora... Como se a beleza fosse incompatível com o Saber, a Sofia, o amor da sabedoria... A minha necessidade era física, sexual e intelectual, afectiva e Deus sabe como procurava, de repente, uma doença social adiara tudo mais uma vez...ou precipitara, noutra sentido. Na minha cabeça adensavam-se nos verbos ótico e cerebrais, diversos pensamentos, nesse dia mal me conseguira levantar a meio da tarde, estava sem forças, mas lá fui até ao Oriente e ao Aeroporto e no meio da noite apenas me tinha a mim e à folha em branco, sempre continuando uma qualquer forma de metafísica, enquanto a minha irmã me chamava de parasita e eu percebia que Poulain vivia já com outro homem e que nada queria comigo senão ser amigo no facebook...

32.

Enquanto isso, enquanto fiz um doutoramento com a ajuda da minha irmã e, teoricamente bastante só, o meu pai não se mostrava amigo de me ajudar em alguma coisa que fosse, em disponibilizar um carro para eu dar umas voltas. A minha mãe e os meus irmãos estavam com ele. Por isso e por outras coisas, não estava muito da disposição de passar lá mais tempo do que o fim de semana e descartava mesmo a hipótese de ir até Lérída e Pombais. Percorria as folhas de um artigo científico de minha autoria e os títulos de mais sete em preparação, mas nem sempre tinha pachorra para tal. Investir contra e em direcção à filosofia, se houvesse alguma direcção, seria um autêntico e certo tiro no escuro. A vida estava aí e era de cantá-la. Vivia, nesses dias de Corona Vírus, mais ou menos desinspirado, sem mulher fixa, procurando não ver pornografia para não me desguiar de pessoas que ainda tinha comigo no meu coração, os meus sobrinhos, mesmo que a realção com a sua mãe não fosse indo grande coisa. Estava sem argumentos. Nesse dia de reclusão devido a ordens do governo, estava pouco mais do que angustiado, mas carente, falando com uma ou outra rapariga nos chats, como dizia o Victor. De resto, em Lisboa só havia putedo, para trás e para a frente, noite, gozo sem fim, não sabia eu bem a que propósito, habiutado a outras vidas e a mares do norte, passava o dia em casa falando agora com Cris, com quem tinha uma simpatia "linear" e um à-vontade que permitia entender e usar bem uma certa brejeirice...

33.

Sim, deveria concorrer mais uma vez a uma bolsa, no doutoramento em educação, só pra sobreviver, mas achava que tinha de ser coerente à filosofia, a filosofia que havia feito desde 97 e talvez conseguisse, pelo menos, chegar a bom porto e vir a dar aulas numa escola secundária, quando muitos com muito menos podiam fazer muito mais. Ainda assim, fechado em casa, liguei à minha mãe e falei com a minha irmã. Se fosse outro, estava-me a borrar e impunha o meu Ego. Eu era dos poucos que gostava da minha mãe. Então, inventei um estratagema para ela se conservar, bem como ao meu pai: telefonar-lhe-ia todos os dias a perguntar se podia ir e na verdade não ia, nem lá aparecia. Ela ficaria na expectativa até ao fim...porque eu sabia também que ela gostava de mim, apesar de a minha vida não ter sido o que foi com os meus irmãos...Esta epidemia, se bem que faz levantar o pior dos medos do Ser Humano, também faz levantar muitos fantasmas, nomeadamente o do desejo de elidir, acabar, com uma sociedade onde não há justiça e abunda a burocracia, onde se facilita o chique-espertismo e a lei do desenrasque...

34.

Os dias corriam, estava mais quinze dias sem encontrar-me com a minha dama, que já havia conhecido pela internet, coisa que a minha mãe não achava bem, mas enfim, estava me tornando, *au-delà* disso mesmo, num homem a sério, ainda que confinado a minha casa por mais esse tempo. Os portugueses haviam correspondido a duas coisas: mantinham laços sociais mínimos, restringidos aos seus, e estavam em casa, dado que o Presidente decretara estado de emergência. Eu, por mim, via quase sempre as mesmas pessoas, o homem do jornal, o cego que se metia comigo, o russo. Passava "Chasing Cars" e eu retomava o meu quotidiano no casulo. Só poderia correr melhor de hoje em diante e envisava acabar esta obra em breve. Não tinha mais de preocupar-me essencialmente com o que fazer, nem em Lisboa nem em Riachos, "não se preocupe", dizia o homem do jornal de papel. Retomava as minhas leituras e os imensos PDF's que tinha para ler, não abandonara a filosofia, ainda que viesse à mistura como OCD. Há pior, há gente a sofrer nos hospitais, não apenas psiquiátricos, onde o sofrimento é maior, é da alma. Fosse como fosse, sentia-me vivo e podia considerar-me feliz e a minha mãe também, pois fora ela que me pedira para ficar e eua dorava fazer-lhe a vontade e ela sempre me recambiava para Lisboa logo que podia.

35.

Esta doença da gripe, o COVID-19, podia ser uma oportunidade para estudar relações sociais estagnadas, estragadas, alteradas... Depois, fui tirando notas, percebi que o que estava em causa nesta epidemia, seria o valor de uso, ou seja, tudo o que passa pelas mãos e se transmite, tal como a dádiva e a mercadoria e os estudos sobre ela mesma iniciados por Marcel Mauss no início da década passada. Ou seja, esse valor de uso (e transmissão de um certo espírito, que é social), como que se quebrou e tornou médica, oficial, abrindo muitas vezes para direitos que muitas minorias não tinham, os gay, a comunidade negra, os refugiados. O treinador da selecção alemã alertava para isso, para o perigo de nos tornarmos cada vez mais gananciosos, porque todos queremos (sempre) mais e eu mesmo não era diferente...

Talvez alguns alguns alunos de antropologia, com alguma formação em filosofia, quisessem pegar no que de mais interessante estava aí, a fenomenologia das relações sociais, com alguma literatura à mistura, os estudos sobre o dom, a dádiva, no fundo, uma economia antropológica que permitia entrever um melhor "funcionamento" das relações sociais, da sociedade, da realidade social... E fiquei pensando em Tonel e Danny, que me tinha ameaçado de porrada numa desses dias, ainda que indiretamente, por telefone, só por achar que ela seria um tolo, que é bastante tolo sei eu e mais alguns, pelo que não estou só e o danny dava-se com toda a gente porque, afinal, era uma Amélia vai com as outras...

Os dias continuavam, assim, aziagos e sem grande proveito. E eu dava conta deles, na minha solidão de escritor, tentando levar para a frente esta obra, como quem faz esquematicamente uma partida de futebol e acaba, matematicamente, por realizá-la, completá-la... E andava por ali, de um lado para o outro da casa, ainda sonhando com a presença de Cris, impedido de voltar a Riachos, para a companhia dos meus mais velhos, mas talvez fosse ao fim do dia, porque não aguentaria estar quinze dias em casa, quando o mundo (e eu não perdoo ao mundo) nada me dizia, a não ser na forma do meu irmão, da minha mãe...Apetecia-me meter-me no comboio e zarpar e talvez fosse esta gripe um sinal de que as coisas não estavam bem, nem sequer prenhes estavam...ou estariam? O meu doutoramento não avançava e eu via-me obrigado a frequentar um mestrado para ensinar filosofia nas escolas secundárias...

36.

Que poderia eu fazer? Retido em casa, agora tinha uma desculpa social para o fazer, andar de um lado para o outro, sem passe para a cidade central, como se o vinho se tivesse acabado, como se não pudesse mais saltar desta vida e como, finalmente, se me deixassem soltar todos os meus demónios e isso não fizesse mal a ninguém. O que era, então a realidade? A doença, a doença de crescimento? Talvez o meu grau viesse dali a um tempo, talvez dali a dias me convidasse para a audição pública da minha tese, dos meus preceitos e trejeitos nesta vida de que estava ainda cansado e da qual julgo poderia ter tido muito mais, ainda que tivesse tirado bastante. E eu pergunto: porque é que as relações mínimas, as coisas e preocupações mínimas, têm de ser parcas, ridículas, pequeninas? É precisamente por serem pequenas que, de certo modo, grandes, bem como a filosofia e antropologia que eu faço. Podia ter sido americano, mas talvez seja mais do que americano por ser, de certo modo, chinês, taoísta, japonês e coreano...Assim é, também, como eu, o meu sobrinho, a minha pequenita. Também eu, nos meus passos de Imutite ou Riachos, andava para o café e do café para casa, talvez não apreciando grandemente a natureza que tinha diante de mim, ao meu redor, porque talvez tivesse sido o cenário da minha infância, antes do Seminário de Leiria, antes de Montariol, talvez tivesse muito bloqueio ainda para me tornar no que eu realmente era, um homem da cidade, um homem na cidade...

37.

Tinha uma planta de plástico bastante frondosa, desde há três semanas. Por acaso, ou por enganou, reguei-a uma vez, pouquinho. Reparei, dias depois, que nasceram através dela novas folhas e a planta que era artificial tornou-se natural. Acontecem pequenos milagres, pequenos terremotos, no nosso quotidiano, que o homem normal, do senso-comum e que gosta de viver, encontra e se espanta porque quer viver mais, porque a vida e o interesse está nas coisas simples, nas coisas que por vezes causam aborrecimento. Mas os filósofos estudaram esse processo, o enfado ante as coisas, a vida, as pessoas. É essa também a minha proposta, superar, ver (quase) tudo como um processo, uma história, uma narrativa, ajuda-nos muito a sair do torpor da depressão e da melancolia...

38.

Se calhar estava vendo mal as coisas, discuti com uma velhota que estava fora da fila do supermercado, mas tudo se compôs, pedi desculpa, voltei para casa, numa quarentena que dura até dia 6 do próximo mês, ainda hoje é quinze. O que será de nós depois disso? Uma brasileira tomou-me por gay e eu fiz como faz o Ricardo Araújo Pereira, ou seja, naturalizar, não sou não preciso de (re)afirmar e vincar essa identidade e muitos males há uma personalidade masculina que precisa sempre de afirmação, social e interpessoal.

Depois, liguei ao meu irmão e quase de imediato ele se cortou, quase anulando o meu telefonema. Coitado, tem tido uma vida puxada e vai sempre em frente e eu nisso sou como ele. Oxalá a mulher o deixe levar uma vida minimamente leviana que nós, homens, não somos, por mais heróis que sejamos, de ferro.

39.

Depois, ante as minhas hesitações entre ser gay, bi ou hetero, pensei em escrever uma *Teoria Filosófica da Sexualidade*, um projecto amplo que estava debaixo da minha consciência há já bastante tempo. Sabia que teria de completar o Mestrado para começar a dar aulas e aí, logo ou com o tempo, pagar as propinas do doutoramento...ou talvez nunca mais pensasse do assunto... Assim, num desses fins de semana de campo, escrevi um artigo para uma revista académica. Semanas mais tarde, quanse no dia em que hoje escrevo, escrevi dous num só dia. Estava exausto e com receio de um rebentamento das águas sanguíneas. Era o recolher obrigatório e eu estava, finalmente, com mais ou menos qualidade, com mais ou menos solidão, sendo produtivo de novo. Notei a voz fraca da minha mãe ao telefone e sentia que ainda tinha uma conexão com a minha irmã e o meu irmão, bem como com os pequenos e queria preservar isso e evitar ir à América sem jeito nem maneira...

40.

Sendo assim, mantinha, ainda que com alguma dificuldade, o meu sonho de dar aulas no ensino secundário. O que eu queria mesmo era dar no superior, mas como fumava, nem que fosse "apenas" um maço por dia e me sentisse cansado e até baralhado, ia desenvolvendo o meu espírito no Tempo, de modo mais inquisitivo do que divertido, mas consegui ainda assim alguma dose de bom humor para mim mesmo, como se fosse outros, como se fossem os outros... Procurava ter paciência em tudo, até mesmo sem dinheiro estava eminente a discussão pública da tese e eu tinha de estar "em forma" para aguentar meia hora ou 45 minutos de exposição aos sábios... E aqui estou de novo ao meu convício, que é quando estou melhor, saio uma vez pela manhã para comprar umas coisas para comer e trago também uma cidra. Os radialistas são alarmistas mas têm mais ética do que os jornalistas da TV, no geral, porque no particular há alguns casos lamentáveis, mas creio que estão ambos sendo alarmistas e perfeccionistas. Não consigo acertar com um mbway quando tenho dois e peço ao meu irmão para de novo fazer um de dez euros. Tenho um desaguizado com ele, mas defendo-me, é complicado trabalhar nesta altura, sinto-me bastante desgastado e a minha irmã também, afinal creio que o meu pai, os meus irmãos e cunhados também estão desgastados e eu quero ficar aqui, depois de vociferar algumas verdades e meias verdades. Sinto obrigação de os ajudar, enquanto o meu pai não está nem aí, nem quase nunca teve. O Danny não diz nada e eu, solitário na casa de Lisboa, prometo a

mim mesmo ficar por aqui, a hipótese da América está praticamente afastada, não tenho saúde mental para uma viagem dessas, de resto, que iria lá fazer? A bandeira que eu não tenho à janela, está na janela do psiquiatra, do outro lado da rua. Nos chats, falo com uma ucraniana que quer dez euros para fazer sexo virtual. Eu recuso. Ela diz que os homens portugueses não prestam. E eu, horas depois, até concordo. Mas nem todos são assim, dessa maneira. Júlio Isidro? Tem a mania que é bom, que colocou muitos artistas na berlinda, mas não no palco da vida, digo eu. Até o Presidente da República parece estar tãntan com a mortandade das coisas e pessoas que vão passando nestes tempos de estado de emergência. Algumas pessoas fazem a vida normal, de casa para a rua, para o jardim, de bicicleta e até. Os passeios estão todos cagados.

Eu mantenho a minha casa em forma. Ligo à mãe e estou preocupado com ela e ligeiramente com o meu pai, penso neles, penso (ou lembro-me) que poderão morrer em breve e nem sequer me lembro de mim. Foram seis internamentos. E, depois disso, continuei a escrever, ficção e não-ficção, teoria social e filosófica, sempre a grassar, como neste momento, e a tese, e a procura de sempre, a procura de emprego constante, mesmo quando estou cansado, sobretudo mentalmente. E beo menos. Fumo menos. Em quarentena num apartamento de Lisboa, que por acaso é cada vez mais meu...

41.

Não estava muito bem. O meu espírito saía revoltado pela minha voz, rpaguejando contra várias pessoas, tudo o que mexesse me fazia diferença, me alertava, eu não me conformava com o meu estado depressivo, alucinatório e até psicótico. Apetecia-me ir para Riachos descansar, até ir no comboio a uma hora de ponta de uma sexta-feira, mas só tinha quatro euros e não dava para o bilhete, mesmo suspeitando que poderia embarcar e fazer a viagem sem bilhete. O Papa daria uma bênção Urbi et Orbi e eu bem precisava disso, de me sentir em paz, ainda que só e revoltado. Parecia que a filosofia estava ficando a perder, não fosse ela mais calorosa e afectiva, teria pela certa os dias contados. De modo que me fartei. Arrumei a mala e fui até Riachos. Mas pronto, faltava um dia para o final do mês, e eu estava devidamente evitado da explosão assassina do COVID-19, os funerais já não era funerais e eu tinha sorte, dali a três dias ver os meus velhotes ainda vivos, se nada de mais trágico acontecesse. A vida sexual era importante: depois de três meses, senti uma ereção e ele estava mole e ainda ainda assim senti a ejaculação como um jaculatória que me transportava para um mundo de maior realização e afecto, procurando não insistir em moods negativos. Tinha ou não tinha vontade de voltar a Riachos, em Espanha e Itália, para não falar dos EUA, a situação estava bera, mais do que bera, era um morre e enterrar de gente. Eu nem conseguia explicar o que estava a acontecer, nem nas minhas notas mais arrisvistas e fundas, deixava isso para os filósofos da praça, tal como

Soromenho-Marques e Vale da Almeida, eram os homens do momento. Ficava surpreendido como, a par da mobilização de muitos, outros deitavam quase tudo a perder e ainda assim queria que os mais bons consertassem o seu lixo ou malfazer. Nesse aspecto, a televisão desempenhava, TVI, SIC, CMTV, RTP, uma papel de discricionário nivelador das emoções, ou seja, tudo estava colado à televisão e mesmo à rádio, para que não acontecesse mais mau e acontecesse mais melhor, para que conhecêssemos o bicho estranho que se apoderara de nós, quando alguns diziam que o vírus não existia, seria apenas a gripe. Uma grande e desincomendada gripe.

42

Cansado, voltei a Riachos. Estive quinze dias fechado em casa, apenas com uma ou duas saídas para levantar o dinheiro que a minha irmã e o meu irmão colocavam no banco e fazer compras ora no supermercado ora nos monhês. De manhã, fui agressivo com a minha irmã, via Facebook e quando cheguei levei uma descarga da minha mãe, com medo que eu contaminasse os pequenos. Mudei de roupa e mexi num livro ou noutra. Percebi, não tarde, que a filosofia apenas fala de autores e temas, enquanto a realidade social (actual) é bem mais rica e prazenteira, a comunicação com os actores sociais sujeitos contemporâneos. É bem mais divertido. Ainda bem que tenho a tese já feita, senão falaria nisso. Daria pano para mangas. Precisava de falar com alguém, com uma namorada, estava tudo mais ou menos louco com o vírus daquele tempo, mas fui falando sózinho em bom tom ameno para me acalmar e poder prosseguir este livro, que talvez fosse o melhor até agora, pesado, difícil, tirado a sangue da alma. Sim, talvez fosse triste estar ali, naqueles dias, em Riachos. Mas...que podia fazer eu, o rapaz estava na net, a minha mãe achava-me um garoto, o meu pai ia para os copos e eu nem sequer puxava por eles, enquanto a minha irmã não fazia nada senão insultar-me. Um telefonema de alguém, quanto mais uma mulher compreensiva...nada, cá e lá. As de cá, de Riachos, não tinham bagagem embora estivessem perdendo o coração que haviam um dia tido, as de lá não tinham nem uma coisa nem outra, apenas queria ora um bom partido, ou um tipo que lhe fizesse todas as vontades. Um

que havia conhecido no dia anterior tirara o seu perfil, depois de mil promessas. Estava duro arranjar mulher por aqueles tempos. Talvez eu desse demasiada importância a essa minha necessidade e a maior parte das pessoas pouco valessem moralmente. Essa seria a maior e mais cruel verdade: era preciso ser mau para ter algum destaque no mundo social. Mas eu não alimentava essa ideia. Agarrava-me ao pedaço de bondade que ainda tinha. A maioria das pessoas estavam malucos bem antes da epidemia. O único sentimento que nos faz sermos bons é a maior, a maior de todas as inevitabilidades.

Uma coisa é certa, na noite anterior acordara três vezes, empapado em suor e sentia a loucura a raiar o meu espírito e dava uma risada de desprezo para com o belzebu que queria fazer dele sua casa de martírio e transgressão. Cheguei a pensar que o culpado disto tudo fora o Sócrates e o Miguel Vale de Almeida. Mas esses eram apenas marionetas, coitados. Dois amigos perdidos. O ser humano é bastante básico: todos querem estar junto daquele que é popular e quando vêm um que está só, sobretudo se estiver marcado, deixam-nos facilmente ao Deus-dará. A minha opinião sobre os humanos era basicamente esse, abominava-os todos, mamões que puxam a penas ao interesse e fuínhas que usam a espiritualidade e filosofia para se promoverem defendendo uma ideia bacoca de humanidade. Agora que tinha despachado de vez Dany, apenas gostava dos pequenos. Estava bastante em baixo e ferido, de resto. Dava-me o sono e adia a hora da cama em paz, ainda que com as vozes dos vinhos, desta feita menos. Odiava basicamente toda a gente, ainda que sem ideias anti-semitas ou homofóbicas. Na verdade, ao longo da minha vida, raramente odiava os meus inimigos de estimação, era afável, até demasiado ingénuo.

Enfim, só podia ser, era este o preço do investimento na escrita, mas eu tinha de fazer alguma coisa, não podia parar, pois aí, nesse lócus, instalar-se-ia o desalento e a depressão. Mesmo assim, precisava de parar. A saúde psíquica da minha mãe piorava em pouco tempo e eu nem perto dela podia chegar, ela sacudia-me ou evitava-me. Até que, pelas quatro e meia, não suportando mais, fui descansar na cama. Muitos, por menos razões que as minhas, drogam-se, matam, fazem toda a espécie de merda. E eu é que pago, toda a gente fala de mim, enfim, é porque na verdade, não sou assim tão mau. Longe vão os tempos da psiquiatria em que me tinha de baixar a elas, mendigar sexo. Os tempos agora eram outros. Voltaria decerto a Lisboa dentro de poucos dias, era dia 30 de Março e a 4 de Abril haveria uma resposta sobre o cancelamento ou manutenção do estado de emergência. Nessa altura estaria já em Lisboa, não poder falar com a minha mãe, matava-me, e na verdade, nada fazia em Riachos, de resto, pouca coisa em Lisboa, talvez mesmo só fizesse alguma coisa em Nova Iorque, tivera um assumo de vontade enquanto lia as Selecções no comboio. A rádio era feita por adolescentes, a rádio nacional, só passavam música actual, eu precisava de um banho de anos 80 sem ser a M80... Depois, a Renascença, só padralhada e espíritos bacocos. Sinceramente, nesses tempos, era proibido ouvir rádio. O mesmo se aplicava, mutatis mutandis, à TV. Só alarmismo e reportagem sobre a absurdidade de ser burro. Então, não sabia se passaria por cá a Páscoa. A minha mãe hostilizava-me constantemente, como se me quisesse expulsar da família, como se eu não valesse mais a pena, remetendo-me para a Casa do Jardim. Onde estava horas sózinho. Então, foi nessa altura que percebi que podia ter um acidente vascular cerebral. Senti que ele estava chegando e eu estava ali, deitado, como sua presa. Senti um vazio,

uma falta de estima de toda a minha família e a agressividade animal da minha mãe contra mim. Então, tive, pela primeira vez, uma forte vontade de deixar de fumar. Comecei a fazer nessa altura planos para não abusar e apreciar a vida, sonhando com passeios e com a continuação das leituras. O mundo não me pareceu tão agressivo e animal. Um certa paz invadiu o meu espírito. Tinha de ocupar o tempo e precisava de descansar, só mais um pouco, antes de voltar a Lisboa...

Andava às voltas na sala da Casa do Jardim, acabei por arrumar os livros dessa sala e da cozinha, onde estava o microondas e a máquina do café, que tinha de levar para Lisboa, pois tinha havido curto circuito no fogão, elétrico, obviamente e o microondas de lá não rodava, aquecia, mas não rodava, o que era um veneno por alimentos tornados cancerosos. Estava mais bem disposto, depois de uma sesta de meia-hora. A minha mãe estava mais branda, com a irmã nenhum problema. Zangada apenas por ter vindo de Lisboa de comboio e pôr os pequenos em risco. Instinto maternal, eu entendia isso, mas não aguentava mais de quinze dias naquele pequeno apartamento, sem falar com ninguém, estava ficando louco. Aqui, a inquietação era de outra ordem. Nada acontecia e eu entretinha-me com os livros e o sudoku. "Vai ficar tudo bem", dizia a canção do Davide Tunes. Quando cheguei a Riachos, depois de a minha mãe me ter dado o raspanete, fui dar uma volta ao centro da aldeia, paguei um café a um amigo que, como eu, tinha casa mas não tinha mulher, talvez há mais tempo do que eu, não sabia ao certo. A minha irmã trouxe-me tabaco e lá estavam, a meio da noite, os pequenos, um no pc e outra no tablete... O meu espírito pairava sobre a cama, não queria ir dormir tão cedo, ainda pensei em telefonar ao Dany, talvez esta solidão acabasse apenas quando a epidemia

fosse erradicada. Até lá, tinha de me aguentar...

Fui deixando de me lamentar e comecei a fazer certas coisas. Na TV passava uma reportagem sobre a Telescola e eu lembrava-me da Professoras Ana, Madalena e Trintade e do pai do Francisco, o Caridade e sua mulher. Lembrava os tempos de Montariol, o meu percurso, mas estava um pouco farto disso, talvez a recompôr-me de uma certa Lisboa. Queria apenas voltar ao trabalho, as aulas ou outra coisa. A solidão ataca de novo. Queria apenas esperar mais uns dias, talvez as pessoas pudessem vir à rua de novo e eu entrevesse conhecimento com uma miúda gira e interessante. A minha vontade de ter sexo quase me paralisava. Mas não tinha vontade de ir a Lérida ou a Pombais, de resto, não haveria ninguém nas ruas com quem falar. Quinze dias na casa de Lisboa e os miúdos entretinham-se com os computadores, a mãe costurava, o pai trabalhava numa obra. Esitava desinspirado, depois de uma sesta, vi a janela de Dany corrida para cima. Esta coisa do vírus foi um abalo nas relações, a televisão e a rádio, bem como as mais diversas aplicações não faziam estancar a felicidade, que irrompia por todo o bado nesta barragem social. Por vezes, não nos damos conta dos lugares que habitamos, o quanto podemos ser felizes. Talvez seja apenas porque não temos uma cara-metade para partilhar esse sentimento. E ele logo se vai, instalando-se a dúvida, quando estamos sós. Mas, mesmo assim, podemos dar-nos conta da nossa sorte: muitas pessoas andam de carro para um lado e o outro, têm tudo o que o poeta não tem e mesmo assim não são felizes, nada lhes chega...Os dois de Riachos andava a maior parte do tempo às turras, a pequena tinha um feitio difícil, como amãe dela.

43

A verdade é uma coisa mais individual do que social, daí que a filosofia seja muito diferente da antropologia ou da sociologia. Os cientistas sociais estão na selva, os filósofos nos locais ermos e eremitérios. A verdade dói e não é social. Aliás, esta doença que passamos é filosófica e social. E, resto, hei-de ter pena de uma mãe que me maltrata? De um pai que faz como se não existisse? Por mais que me esforçe, sou o filho do meio "não era para ter nascido", nada chega, mesmo que faça mais do que os outros dois. O outro, meio irmão, não a a atura nem a ele e vai ter o mesmo. Não é irónico? Tiro uma garrafa da dispensa, lembro-me do tabaco da dispensa e do chuto no rabo do meu pai quando descobriu. A minha mãe, como se quisesse ir comprar tabaco, faz logo um escarcel e, talvez tarde, percebo que ela é realmente maluca e não tenho vontade de estar perto e acarinhar uma pessoa que só dá coices e sapatadas. A minha irmã e o meu pai são muito assim. Podia ter -me como amigo e só despejam raiva em cima de mim, enquanto o outro só quer fazer mais uma obra e nada diz anda sempre calado, não trata das coisas que deve tratar. Hei-de mais tarde, ficar em Riachos ou nunca mais cá aparecer? Lisboa também não me atrai suficientemente. Nem mesmo a América. Talvez, para sair do cenário da minha escrita, uma aldeia francesa ou espanhola...Grande parte das pessoas aqui, leva uma vida leviana e quando o azar ou a doença lhes bate à porta, entram em pânico ou enlouquecem. Fraca

visão da felicidade...Enquanto isso, nem alto nem baixo...entrever... A minha mãe andava a ver o que eu fazia, as garrafas que consumia. Tudo isto era um livro e mais alguma, e o meu cunhado dizia gozando "tens de estar confiando", como se fosse um deonte psiquiátrico, quando eu não estava em casa, mas na loja. Perdi toda a consideração por ele nesse dia, eu cedia e apostava sobre tudo e mais alguma coisa, mesmo as minhas expectativas de dar aulas no ensino secundário (e ele era a antítise do estudo e de qualquer filosofia, como a minha irmã e o meu irmão, de resto) ou no superior. Passava demasiado mal para ter de aturar os filhos dos outros, numa perspectiva mais ou menos comunitariamente cruel, e ensiná-los, coisas que nem os pais deles praticavam e aliás, como professor, pouco ou nada se ganhava, quando se dizia à boca cheia que o professor nada faz. Cultura da tolice e do sem-esforço intelectual. Gente que nunca passou mal. Estes eram aqueles dias. Depressão e conformismo, as pessoas finalmente revelavam-se quem eram. A minha irmã e o meu cunhado não falam comigo direta e francamente, estiveram nos seus trabalhos sem vir ver os filhos, mas quando eu cheguei vieram e nem sequer falando muita coisa comigo, como que me avisra por um possível contágio da minha parte. Estranho...eu não percebia essas coisas... Era fácil pensar mal dos meus pais, da minha irmã e meu cunhado, mas eu não estava para isso. A mulher dos meus sonhos não aparecera, além do fumo do cigarro, além uma tontura por uma cerveja.

43

Mais um dia de estado de emergência, renovado pelo governo por mais quinze dias. Agora sinto novamente vontade de ir para Lisboa, embora não esteja mal de todo por aqui, fui comprar tabaco e voltei bem-disposto. Dormi a meio da tarde e estava a cair de bêbado, agora, do fim da tarde estou como Deus quer, com dores de cabeça, tentando socializar com os meus pais. A minha mãe continua na mesma, não se pode falar com ela. A minha irmã não diz nada, vive aquela vida social de Pombais que afinal nunca me interessou e que já não faz parte da minha história. Eu não tinha bem a dimensão do que havia feito nos últimos três, quatro anos. Talvez por isso estivesse sózinho. Mas tinha a minha família, isso era o mais importante, não os tinha ferido. Ou talvez tivesse tido, não sabia tal, perdera um pouco da perceção dos meus pensamentos. A minha obra talvez perdesse impacto, quando eu fosse embora daqui ou coisa parecida. Ou talvez o ganhasse pela propulsão das coisas que ainda tinha a fazer.

Sim, deveria deixar de fumar, deixar de beber, embora achasse que poderia reverter isso de algum modo, reverter-me desse caminho começado em 2016... E na rádio regional passava um êxito de Elton John que eu ouvira pelos 19 anos, altura em que comecei a escrever poesia. Depois, pensei, se alguma dia a minha tese poderia ser discutida em sede de Filosofia, já que tinha muito de antropologia social... Mais um dia, mais uma noite. Deixei-me estar calmo na cama, deixei-me dormir... Sim, talvez estivesse enlouquecendo. Ou talvez não.

Por mais ínfima (ou não), vivia a minha realidade e nela era os personagens que grande parte dos meus livros não tinha, fosse se fosse recortado do imaginário de mim, de alguém, dos sonhos de um outro personagem... A vontade de fazer amor, mesmo com uma desconhecida, mesmo pagando, vinha à toma nas mesmas sensações, Lily não era mais a mulher dos meus sonhos . O meu medo era o meu nome e o medo de se quebrarem certos lachos. Eu não procurava explicações, apenas vivia, além do persistir, do obstinar por uma razão ínfima e tecnocrática. Sentia que ntinha feito algo de notório, que não queria muito divulgado, por duas razões, ora porque os não faziam o mesmo, ou porque tinha medo que essa tela do real, do meu rela, desaparecesse. Queria gerir a minha escrita. E era mais do que legítimo que o fizesse. Finalmente, descolou (o avião em que embarcáramos). Começámo-nos sentindo mais felizes e leves, eu também inclusivé e vi, de soslaio, a minha mãe dançando junto ao rádio, o pequeno absorto no computador, a miúda mais alegre e inquisitiva, mas criativa e interessada e sabia que, ainda na aldeia, o velhote estava entretido com mais uma obra. "Vivre au bôt de vivre", de Ricoeur, "Rire au bôt de rire", de Louis de Fuñès.

De repente, dava pensando comigo fazendo um grande paio, deixando-me levar como nunca, dava por mim pensando em Issa, mas sabia que ela nunca mais voltaria, tendo já jogado fora as chaves do apartamento. Eu tinha certeza que ela tinha falando com alguém que tinha achado as chaves, talvez um polícia, pois ela trouxera a pena com com elas estava. E, além do mais, a bandeira do psiquiatra lá estava de novo, enquanto foram suspensos todos os jogos de futebol a nível, pelo menos, europeu. Fui beber o café e Olivia lá está, servindo o seu cafezinho, onde quase ninguém podia chegar, mesmo que

fosse preciso manter vivo o posto como uma chama em grande escuridão, mesmo em pleno dia. Livro para esta crise: "A Casa e o Mundo", R. Tagore.

Esta crise poderia gerar novos negócios, novos recomeços, e o meu era o IESL, Instituto de Estudos Superiores de Lisboa, que podia alternar com os meus estudos, dado que só dali a um ano teria o mestrado, coisa que não cria muito poder fazer. Portanto, talvez viesse a dar aulas na minha própria universidade em vez de numa outra, ou numa escola secundária. Mais uma vez, teria de andar só, pelos meus pés, mesmo podendo ser ceifado a qualquer momento. Eu tinha, por outro lado, argumentos para liquidar o meu vizinho, que teve o desvelo de ficar com a bandeira que estava presa na janela de Moscat. Mas não o fazia, não sabia porque, mas já nem tinha receio nem raiva de ninguém, talvez não odiasse realmente ninguém e apenas queria desenvolver os meus projetos com a mínima estabilidade. Mesmo a minha irmã, continuava a ofender-me sempre que tinha ocasião, para além das farpas do meu irmão, a todo e qualquer propósito, como se eu não tivesse feito nada no meio da minha doença, como se não estivesse prestes a conseguir um doutoramento que me deu água pelas barbas. E praticamente só neste caminho, sem afagos e falsas ou verdadeiras promessas de que o dia iria ser diferente àquele em que meu ser me contorcia e condoía.

Então, pensei: tarde ou menos tarde, iria voltar a dar aulas, fosse de Filosofia fosse de outra coisa qualquer, na minha ou na universidade de outrem. Depois, bem no final, percebi o que ela queria: que eu passasse ao estreito e que ela fosse para lá brincar com o marido e as amigas. Mas isso não iria acontecer. Os miúdos vá que não vá, mas ela, a minha irmã, aos poucos e poucos, ia perdendo os meus créditos. Nunca tinha estado tão perto de colocar outra

fechadura, pois no outros dia fora lá sem nada me dizer, só pra contar coisas à minha mãe. Perdia casa vez mais confiança da minha parte e terreno para convidá-la ou deixá-la ir lá quando quisesse passar uns dias. Thèorique enérves...rsrsrrs...enérvement théoriques zzzzzz.

Passados três dias, não percebia ainda a inscrição numa locomotiva em Troncos: "Lamentarás haberte bajado!"....

Tudo o que o homem faz é para atrair as fêmeas, diz o estruturalismo de Claude Lévi-Strauss, diz a etologia de Konrad Lorenz. Nisso, como em outras coisas, falhei redundamente. Mas mantive a minha temática, a minha navegação e nisso fui relativamente fiel e coerente. Isso poderá trazer-me alguns frutos, a mim e aos meus... sobretudo pelo que eles têm sofrido, inclusivé os pequenos. É aquilo também que me interessa reparar...

O cientista social pouco percebe de sentimentos, quase escolhe a solidão dos afectos íntimos porque há uma relação entre eles, entre o seu sentimento particular e a vida do mundo social cujas regras e coerências ele tenta destrinçar, ela tem nome de Catarina, mas eu deixei-a viver para mim sem ser minha desde há muito tempo e talvez ela não saiba a explosão do meu coração por ela, porque lhe dou azo a ser quem ela é, sem ser inteiramente minha, como os outros fazem e assim inauguro uma forma de ser para mim mesmo e o outros, i.e., ela mesma. Eu tinha as coisas para mim mais ou menos certas, nesse verão que ia chegar, eu contava voltar às corridas, enquanto a felicidade sorria finalmente, após tentativas, no meu espírito, ao mesmo tempo que deixava Dany seguir o seu caminho, pois a sua amizade me estava fazendo mal, uma amizade na qual ele já desinvestira há muito tempo. Provavelmente não haveria o terceiro período para os alunos do primário e secundário, mas

não era por isso que ajudava os meus sobrinhos, deixava-os andar quase à toa e eles tontos de tanta informação aproveitavam e sugavam a info do mundo de modo a escolher, assim fora comigo, assim eu deixava que fossem assim com eles e os pais deles faziam o mesmo. A OCD não me largava, mas eu conseguira ser feliz naquele dia, em Riachos, precisamente, e desconfiava que, entre os meus e os não-meus, não era o único... Supunha até que depois de mais quinze dias de quarentena, voltaria a ser absoluta e irremediavelmente feliz. Assim, costava menos dormir sózinho, desde há dois, três meses... Ironicamente, lá fui buscar mais um livro de Osho, desta feita sobre Buda.

O pc este todo o dia ligado. Agora, não tenho coragem de me ir deitar e o desligar, pois sei que as melhores ideias que tenho surgem cinco minutos depois, ao tentas dormir, puxar pelo imaginário. Afinal de conta, mesmo a mãe e a irmã estando sempre a chatear, fiz uma antropologia bastante ajustada, sem percorrer grandes geografias. Poucos teriam ou terão tido essa capacidade.

O mais maravilhoso era que tudo isto não tinha interesse para o mundo e nem sequer, em si, era um mundo paralelo. De repente, estava também candidato apto a seriação no mestrado, quando o de ensino só teria início do ano seguinte. Poderia adquirir unidade de crédito que talvez pudesse passar de um lado para o outro. A minha vida tinha de novo tudo para dar, em Lisboa, precisamente, sair todos os dias à rua até me saciar, pegar numa miúda ou outra para me satisfazer. Chovia bastante, a carrinha do meu pai estava lá fora, encostada ao muro do Gandarra. O Filipe havia telefonado e minha mãe havia-lhe falado dos meus hábitos de bebida. O pequeno estava enfronhado no jogo e pouco ligava. Talvez desligasse um dia. A pequena pediu-me que a gravasse dançando a Macarena, para enviar à mãe. Era Domingo e eu no reduto da

Casa do Jardim, bebendo um café e outro, procurando saber se poderia regressar a Lisboa no dia seguinte...

Deixei de ser straussiano para ser não sei bem o quê, um monge da metafísica, um irmão de todos que vai vivendo, um franciscano no meio de um mundo estranho a ele e ao seu desejo. Talvez estivesse demasiado à expetativa, teso e devesse esquecer a filosofia, a académica e a das coisas comuns, quanto as expectativas estavam jogadas para dali a vários meses, para o final do ano. E que iria fazer até lá? Escrever mais livros que não era livros, teoria e mais teoria? Em horas, só a minha voz ecoava nas ruas de Riachos....

Importava. Ou não, ou meu desejo não importava. Ou importava, porque eu mantinha-o na linha do tempo, como o vedor que procura água em terrenos quase desérticos, quando eu supunha que, tanto em Riachos quando em Lisboa, muita mulher boa queria estar comigo e eu estava já planando a um nível de uma consciência estelar, ainda que sem o diploma, ainda que em plena crise do Covid-19, quando a chuva parara de cair e o velhote dormia, enquanto o jovem entrava adentro do computador e a pequena marfava um hambúrguer feito pela avó, enquanto os pais não sei bem o que faziam e os tios estava Alentejo adentro- Enquanto isto tudo se passava e deixava de passar, o amor era um corpo ausente.

Tenho um irmão que não me compreende, uma irmã que não me fala, uma mãe que só me contraria, um pai que está só de corpo presente. Tenho um país que não apostou, cheio de mesquinhos interesses, académicos ou políticos. Tenho o melhor amigo que deixou de o ser por manifestada incapacidade para o ser. Tenho um tempo para receber uma herança, que não sei se vou receber,

e ir daqui embora, para fora deste silêncio ensurdecador de gente com a vida feita desde há muito tempo, diferente de mim, que nada tem a ver comigo, por mais que eu force, por mais que eu tente encontrar sentido. Tenho uma linha de escrita que me separa do futuro, um futuro que sinto e apalpo agora vir a ser tão brilhante quando o da mais cintilante estrela do firmamento em boas noites. Desisti de tentar decifrar tudo o que meus olhos alcançam e tornei-me uma águia, só escolho para comer aquilo que me satisfaz. Ao mesmo tempo, com a minha persistência, sinto ter deixado para trás muitos dos meus competidores, em vários sentidos, em vários temas, mas estava dependente da internet, portanto tinha de me achegar à cobertura que me dava uma epidemia e aproveitar qualquer coisa como uma alteração de comportamentos que, em certo sentido, me poderia beneficiar, pressentia, mas não sabia como. Finalmente, pensei que Dany sempre alimentou uma espécie de morbidez sobre mim e isso acabou por me fazer esquecê-lo, por me ser indiferente, ainda que me viesse a cruzar com ele um desses dias. O filhote do vizinho delinquente gritava pelo pai, que afagava a mãe e ela ria-se. Isto nada me dizia, mesmo que estivesse só. Suspeitava que ficasse cada vez mais duro, empedernido por qualquer coisa que não me tivesse acontecido e por isso mesmo nunca teria sabido o que seria tal coisa.

44

Passaram dias, preso em Riachos preso em Lisboa. O tempo de estado de emergência devido à epidemia da gripe foi adiado, até meados do mês seguinte. Tinha algum dinheiro. Andava às voltas em casa, sem saber o que fazer. Jesus, Jesus de Nazaré protagonizado por Diogo Morgado. Pedem-me que seja interesseiro, situacionista, oportunista, mas eu não consigo. Ao invés disso, quero libertar a minha irmã da escravidão que lhe dou. Estava bastante só, não podia contrariar o que sentia, bastante solidão, embora estivesse habituado a isso. Tentara ir de novo a casa da Telma, só para ver os seus seios de novo. Cansara-me de ter fé e ser empenhado, embora visse a série a Bíblia. Terá sido irresponsável o Presidente ao mandar toda a gente para casa, sabendo que normalmente ninguém está em casa? Certamente que foi. Na Dinamarca ninguém está em casa. Tinha um pai que nada dava por mim, uma irmã que conspirava e uma mãe que me queria mal. Como haveria de deslindar este equinócio? Como podia ter vida em Riachos? Fiquei pensando no meu pai e para não pensar mal dele. Pelo assentimento que lhe tida, fiquei perguntando porque é que, no mínimo, não me dispensava um carro. E porque é que a minha irmã me fazia a vida negra e o meu irmão estava sempre contra mim. Os dias prosseguiram e eu sem nada de especial feito. A minha mãe chateava-me o juízo e eu brincava com ela. A minha irmã era quase insuportável e eu tentava não levar as coisas a sério. Dormi à tarde a sesta. A voz do velho de cima, logo que acordava ainda me apoquentava. Bebi um pouco de Macieira e

fumei um cigarro.

Liguei ao meu irmão, à minha mãe. Longe estavam os tempos da grande diatribe, na verdade não a tivera realmente senão durante um, dois anos durante a licenciatura, agora sobrevinha uma crise e eu andava à nora, como outros, sem saber o que fazer. Dava-me vontade de rir em como as pessoas não se interessavam por mim, naqueles tempos praticamente não tinha amigos, apenas quem aparecia no café em Riachos. Mantinha-me em casa durante a quarentena e a minha inspiração também pareceria ter feito quarentena. O mundo está cheio de mulheres com pequenas estratégias, que não percebem um homem de bons princípios e que é fiel, preterido ante uma vaga de homens que não dizem o que querem, os homens ambíduos, e isso elas gostam mais.

45

Lembro-me de quando estive no aeroporto Charles de Gaule e ninguém me ajudou e tendo passado a noite também no átrio do apartamento da Expo ninguém me ajudou. No entanto, prossigo sendo bom. O velhote não me dispensava o carro e eu não sabia o que fazer, pensei na fofura dos lençóis e detive-me nesse sentimento, nessa sensação. Andava às voltas na cabeça com Leiton, Dany e Leomil e pensei, esses que se fazem de bons logo à partida e se gabam de ser alguma coisa, ficarão para trás, pois a localidade pouco me interessa, ou, aliás, é-me absolutamente relativa. Pela primeira vez apeteceu-me sair de Moscat, do meio dessa gente exigente e indigente, agressiva e mesquinha. Mas deixei-me estar. Mais uma vez, encontrei o tipo de Lisboa, tipo ofendidinho a quem não se pode fazer. Queria, se tivesse poderes para tal, bloquear as relações com Madrid e Paris, a ver como ele se safavam. A cidade te destas coisas: magoa-nos, tornanos insensíveis. De modo que passei a ir às compras ao Continente, em vez de preterir os dois únicos supermercados da povoação. Ao fim de tanto tempo, ainda me tenho de debater fisicamente com cromos destes... Mas eu adoro chatear estes tipos tipo de Lisboa. No início, quando cheguei a Moscat, dava importância a toda a gente, mas, como se não me dessem importância, passei a não liugar, a estar habitando por cá e não dando chavo ao que as pessoas possam pensar. O social cansou-me.

46

Parou de chover. Já não hesito entre ir a Riachos e ficar. Tomo umas notas avulsas do meu bloco, que tenho à entrada do estúdio. Vou comprar um litro de cerveja e duas garrafas pequenas de sidra, bem como tabaco. Não tenho fome. Começo para ser pessimista quando me levanto e volta a encarar o dia em casa, protegido de uma doença que alterou muitos hábitos comportamentais da gente. Eu estava, por outro lado, sendo esquecido pela minha gente, o vizinho de cima, não sei que idade tinha, se era velhote ou mais novo, continuava a falar de mim à mulher dele e eu ouvi tudo, umas vezes pela manhã, outras à noite, ao deitar. Dizia que "era bem feito" para mim, para que "não se armasse em esperto", todo um conjunto de coisas que acentuavam o meu isolamento social. Já nem me aptecia ler, não tinha vontade para tal. As ideias apareciam de quando em vez, mas ainda apareciam, mesmo que não fossem tão brilhante do que outrora. Errar é humano, mas eu nem sequer tinha errado.

47

Sim, pensava de quando em vez no trabalho, mas eu ainda estava sendo feliz fazendo outras coisas, ainda que no confinamento à casa. Em Outubro voltaria às aulas e, ainda que não começasse este ano o mestrado em ensino, que me possibilitaria dar aulas no ensino secundário, ia avançando numa leitura ou outra e tinha, mais do que o pressentimento, a certeza de que estava fazendo filosofia, ou seja, a minha mente funcionava em termos filioantropológico e etnológicos, teóricos e matemáticos e etológicos também.

Eu não precisava de moldar o mundo ao meu jeito para ser feliz, fazia outra coisa muito melhor: adaptava-me ao mundo e era ainda assim, feliz, mesmo sem carro, sem dinheiro, sem namorada. O ter nada me dizia, eu estava no reino do Ser. O estado de emergência fora renovado até ao fim do mês. Estávamos a meio do mês de Abril e eu contava ir de novo até Riachos no dia seguinte.

48

Depois, fui percebendo como era a gente de Moscat. Eu diria "fazer um estudo", quando ninguém me pediu isso, as pessoas sabiam que eu era etnólogo e filósofo, mas não se adaintavam muito a dar os bons dias ou a falar mais algum tempo comigo. Estava entregue a mim próprio e, depois de três semanas de desinspiração, voltava a produzir, voltava a ler, embora não de modo sistemático. Viera a encontrar nesse tempo uma forma de ser feliz, e era com as letras. Por vezes, reencontrava esse magma original, desse povo que se perde nos tempos e, mais lúcido, piscando dos olhos, voltava à normalidade do tempo presente. A minha vida já não tinha grande interesse, perdera o gosto de muitas coisas, sem trabalho e sem dinheiro, o meu espírito pairava sob as ruas de Lisboa, errante, errático, porblema problemático, não sabendo o que fazer, em que(m) se fixar. De resto, era assim como vos digo, andava de um lado para o outro rangendo o soalho, tal como Dom João V no palácio da Pena.

49

O meu aspeto físico era oscilante. Umás vezes era extremamente bonito e atraente, outras eram extremamente feio, não sei porquê, talvez devido às coisas que comia, a maior parte do tempo para desenrascar e estava farto de pensamentos últimos, múltiplos, como os mais diversos orgasmos das mulheres que não conhecia no quotidiano. Tudo o que percebíamos de errado sobre nós, sobre a nossa imagem, é certo e tudo o que percebíamos de bom é certa também. Mas, outras vezes é errado. Bateram em dois amigos meus, em épocas diferentes e creio que é por causa desta coisa da filosofia e do cientismo social. Apetecia-me desistir, mas creio que faz parte, pois a mim não me fizeram mal, podiam ter feito, mas não fizeram. Podia ter batido neles e eu ter alguma coisa a ver com isso, talvez fosse um alerta de que me poderiam fazer o mesmo, uma espera e depois bater, não sabia bem porquê, embora pensasse que tivesse a ver ora com a minha profissão, ora com o facto de ter ido, recentemente, a uma prostituta a poucos metros de casa. Certas pessoas odiavam os cientistas sociais e a zona onde eu vivia era uma delas: pessoas pouco simpáticas, sempre prontas a falar mal dos outros, onde era fácil alguém se constituir enquanto bode-expiatório dos males contra os quais pouca gente lutava. O problema, em tudo isto, é que eu não me levava mais a sério, apenas queria usufruir do tempo de vida que tinha para diante e não me chatear com certas questões sem interesse. Mas, se me compromettesse com elas, seria a sério...

50

Eu podia ser um parasita, não estado a trabalhar, mas isso seria muito difícil de comprovar, porque na prática eu produzia filosofia e teoria social. Era antropólogo e, de certa maneira, havia sido coerente com as minhas opções. Mas não, a minha irmã tratava-me cada vez mais mal, como se fosse uma besta louca no meu caminho. A agressividade dela era inaudita e, depois de me têr posto em diversos hospitais psiquiátricos, queria que eu ora deixasse falar com ela , ora me tornasse independente. Ah! Questão importante essa, aqueles que eram independentes, desde já o meu irmão e minha irmã, nem um livro haviam publicado, e há muito tempo que haviam deixado a faculdade!... Isto dava que pensar. Eu não tinha independência económica praticamente quase nenhuma, mas havia feito, com isso, muito mais do que a minha irmã e o meio irmão e isso eles invejavam como outros irmãos parecidos invejam. E partia para outra, mesmo que me perseguisse a minha irmã, que deitava para cima de mim, do macho masculino, as culpas e frustrações das tipas que ela aturava e cujos maridos as tratavam mal, no fundo, eu, antropólogo, apanhava tudo isso por tabela. O meu irmão, ao invés, era outro tipo de pessoa, eminentemente prático e performativo, mas nunca teria o mesmo génio do que eu, o respeito pela obra de arte que eu tinha. Ele queria ver-me num hospital psiquiátrico para todo o sempre, eu sabia, ele já o dissera. Mas eu, parvo, continuava a ligar-lhe. Só isso diz o que ele sentia por mim...

51

As coisas, os fenômenos, dependem essencialmente da forma como os percebemos. Isto é uma teoria filosófica que se aplica a muitos dos acontecimentos do nosso cotidiano. Quando somos os visados, somos exigentes. Quando são os outros, é fácil contrariar o bom senso-comum e dar troça sobre o que acontece aos outros. Isto é uma questão moral.

Vamos agora conhecer Telmo a partir do dia em que deixou de ser um conas. Antes, preocupava-se com tudo e mais alguma coisa, poderia dizer-se, tudo o incomodava e na verdade a coisa estava-lhe no sangue sob a forma de patologia. A partir do momento em que se viu sózinho, não novo, na grande cidade, as coisas começaram a mudar, o seu temperamento e atitude. Como se não tivesse namorada, resolveu, num dia de carências, ir à casa das meninas lá do bairro. A sua questão era tentar não apanhar o vírus corona, mas o que aconteceu foi uma coisa completamente diferente. Regressou nesse dia a casa, na manhã seguinte, logo os vizinhos falavam da sua ida às meninas, por cima e por baixo. Dois dias depois, o homem do talho, visto pela janela, falava com um tipo tendo um tablet na mão e Telmo sentiu medo e revolta, podia ser sobre ele, podia a menina ter gravado a sua sessão de sexo. Telmo ficou atónito, mas procurava relativizar, como se não fosse nada com ele ou, ainda sendo, como se não o afetasse. Podia, reconstruindo a cena, pensar duas coisas: a luz estava escura, o pc seria apenas para dar música; ou, pensando de outra maneira, o homem do talho estava a partilhar um vídeo de sexo onde Telmo entrava, o

que seria o filme feito pela menina na sua casinha. Na verdade, podiam ser uma e outra coisa. Mas, como se explicava a pouca luz? E, tendo lá ido no dia a seguir, porque é que elas não atenderam? Percebiam o que tinha feito? E, se o tivessem feito, porque razão lhe telefonaram dois dias depois mostrando disponibilidade para o receber? Era estranho. E Telmo estava tranquilamente em casa, esperando o suceder de alguns sentimentos e factos, talvez esperando uma reação das pessoas sobre qualquer coisa que talvez nem tivesse acontecido. Tempestade num copo de água? Talvez não, talvez sim.

52

Não importava muito o que se tinha passado e ouvia a voz da minha sobrinhita pelo telefone. Não importava muito, apesar de tudo eu era cliente habitual da casa. Não importava se a luz estava baixa ou se a menina estaria gravando alguma coisa (e eu escrevia *depois* disso). Mas, intrigava-me ter a outra menina ligado, depois de eu ter telefonado na semana anterior. Não me bastava estar preso em casa, quanto mais ter de pensar nisto. Mas essa menina, Ester, ligou, dizendo que estava disponível. Se ela ligou é porque não estariam gravando nada. Podia pensar negativo, que seria uma mágoa e um desastre. Podia pensar positivo, que nada do que eu vim a temer teria acontecido. O facto de eu não dar muita importância ao facto explicava tudo. Preferi pensar positivo ainda que tivesse acontecido o que eu mais receava. Porém, a imagem do homem do talho a rir-se não adandonava a minha cabeça. Nem a minha sobrinhita inocente. Teria de ora em diante de viver com isso. Na realidade, Telmo estava sob e sobre outra esfera e a espera havia acabado, ou seja, pouco lhe importavam as opiniões dos outros, desde há dois ou três anos atrás nesse momento, ele decidida pôr um stop em todo o sofrimento e começar a ser feliz. E era isso que estava acontecendo, mesmo profissionalmente, a opinião dos outros, quando negativa, pouco importava, mas esse sentimento não colidia com a necessidade de ter amigos e de falar com os outros. A sua solidão era agora sagrada, de ouro, de outro...

53

O que aconteceu com Telmo poderia ter acontecido comigo. De modo que, quanto à minha escrita, resolvi ser menos expansivo, se bem que tinha alguma parte dos meus livros no mercado, do papel ao digital. Assim, criamos o que pensamos e a realidade é o que imaginamos, mesmo que não se concretize no espaço do real, concretiza-se no espaço do virtual e imaginário. Mais a mais, é como o outro, a fumar ao pé de um camião de botijas de gaz, ainda por cima com o isqueiro na mão. A vida, a nossa vida, mesmo que não tenhamos contribuído para tal (negativamente), está feita nisto, neste nó górdio que nenhum filósofo consegue solucionar. Por vezes, negava-me a morar naquele espaço, que eu fizera com as minhas mãos; outras, jurava nunca mais sair dali, por ser um dos meus refúgios. Mas, continuava, ora vivendo ora sobrevivendo, bebendo um pouco e fumando um pouco também, como sempre. Sorvia o ar do espaço e sentia-me em casa, em paz comigo mesmo e voltara de novo aos livros, agora com mais calma, com mais paciência e bem-estar, a mesma paciência que me fizera chegar aonde havia chegado em mim por mim.

54

Estava em nisso, empenhado em continuar a escrever, ansioso por voltar a Riachos para mais um fim de semana, sem me preocupar que estava descrevendo, com o arco da minha acção e conduta, mais um figurino que muitos outros preenchem ou de que se ocupam. E a conclusão a que chego depois de tudo isto é a seguinte: na selva urbana, sózinho (ao mesmo tempo que acompanhado), o homem corrompe-se e perde o tino, o juízo, ou seja, deixa de ser quem realmente ele é, um animal político, altruísta e simbólico. Sobretudo porque o Outro é a raíz de cada simbolismo, não a mesmeidade...

Ainda me ocorria a vizinha de cima que, ao passar pela minha porta, dizia "já foste" e uma das concubinas do da frente, que dizia "o currículo dele é redículo". Instala-se, assim, ora as corporações de interesse na sociedade, ora uma competição bastante desonesta só para "fazer ver". Isso não é nem nunca será a boa conduta e a felicidade, o mundo não pede isso.

55

Há no português uma ignorância que diverte, uma douta ignorância. Mas também uma falsa, ôca e hipócrita elite intelectual, que se perpetua, como nos mais diversos canais televisivos, no poder, anos e anos. Isto do ter tudo mais ou menos garantido impede certas coisas positivas, nomeadamente a adaptação à mudança. Até foi bom a vizinha de baixo ter dito ao marido que eu era "deficiente mental", enquanto os ouvia num acto de higiene puramente íntima. O mal disfarça-se em certas pessoas e outras não o conseguem disfarçar, umas vezes é de caras e outras de viês, ou seja, ora se esconde por detrás de um rosto, com o sem máscara, ora se patenteia às claras nunca sendo queimado pela luz natural do dia em dia de sol...

É assim que se conhecem as pessoas e eu todos simpático a cumprimentá-los, eu creio que, tendo ido às meninas, ela ficou com inveja de não lhe ter batido à porta para uma ou outra coisa ou ficou com inveja de eu ter ido ao vizinho de baixo. E a minha mãe ainda me diz para cuidar dos velhotes daqui e olhai, nesse dia o de cima nada disse, nem piu nem miu. Creio que, ainda no que respeita à tese, continuo sendo julgado, não vai ser fácil aguentar muito mais tempo a pressão, quando já nesse tempo estava a descomprimir, por alturas da morte de um conhecido actor de enfarte do miocárdio. Preferia não ter a tese aprovada e ser eu mesmo e só mesmo Deus sabe o que fui passando naquela casa, naquela cama, sem a ajuda de ninguém a não ser da minha família, ainda que à distância. Podia muito bem acontecer que o meu

doutoramento estivesse atravancado por essas e outras razões, por ter ido às meninas, por ter OCD. Seria mesmo assim? Não sabia ao certo, E eu, no calor e interioridade da minha casa, digo que, se a minha obra é facilmente contestada e contestável, muito mais ou menos as opiniões dos outros.

56

No final do futebol, ficávamos a comer o lanche, gozando com um nosso colega que levava as coisas muito a sério, "Ólhó Lopes!". Ah! Ah ah, também eu levava as coisas muito a sério. Não mais, espero. Extrair, elaborar, conceptualizar, eis o destino do escritor-filósofo na sua solidão criativa, acompanhado de mil e uma noites, de mil e uma ideias.

Tanto por fazer, nada a fazer. Estou diante do Nada e do Tudo da vida social mediante um confinamento presidencial. Ando de um lado para o outro e sou maltratado num e noutra lugar, como se tivesse de pagar por tudo, como se a minha sina fosse ouvir os males dos outros contra mim e nada poder fazer, melhor, eu é que afinal tenho de ajudar os outros e ainda por cima sou continuamente insultado. Valerá a pena a tese? Muitos nem ao trabalho de fazer um rabisco se dão. Entretanto, dou lugar às Obras Completas de Paracelso, depois de ter estado com ele na Estação do Oriente. Naquele dia caiu-me tudo em cima e eu percebi que a coisa não iria ter fim, que só terminaria quando tivesse o diploma com certos dizeres académicos. Mas tudo bem. Não via utilidade em estar em Riachos ou mesmo Lisboa. Bebia um pouco de vinho, enquanto o velhote tratava dos pássaros. Procurava inventar um quotidiano de trabalho, mudando de tarefa para tarefa a fim de evitar o aborrecimento e a depressão. Sim, talvez continuasse com a filosofia, embora com menos fulgor. Tinha, entretanto, de encontrar uma tarefa mais tangível do que arrumar livros. Depois de encontrar Paracelso vagueando na Estação do

Oriente, ainda sentia afeto por Danny, mas não podia dar o braço a torcer sem que a minha tese fosse aprovada. A vida é tanto conseguir quanto aceitar, perguntem ao Paulo Borges ou ao Carlos João Correia. E, depois, a alguns antropólogos da praça, vivos ou já idos. *Indians are bad, nepalese are good*, foi o que me disse o jovem a quem haviam roubado a bagagem e os documentos. A minha mãe continuava na mesma, dizia que eu tratava mal a minha irmã, que lhe dizia "coisas horríveis", mas o certo é que ela também me dizia e eu roía-me por não ter trabalho e a minha independência, a cabeça fervia e eu procurava manter-me calmo para aguentar aquilo. A este repeito, ninguém me dava diálogo ou consolo, quer eu Lisboa quer em Arroios. Sim, nessa altura eu era um tipo extremamente chato, praticava uma arte que era a do massacre mental, ou seja, estar e dizer demasiado preocupado. Mas, sobretudo, estava teso e por tal havia pedido um empréstimo para erguer a faculdade e pagar as propinas. Lembrava-me do Diogo da faculdade e as saudades de ir à FCSH ou até ao ISCTE ou à minha faculdade, batia à minha porta.

57

Tinha estado com Melro e via-o em boas condições, alguns meses depois de ter caído em cima de uma forquilha virada para cima. Um Marlboro clássico custou cinco euros e dez, quase o mesmo do que em França e eu acho que ele me perdoou dez cêntimos, não estou muito bem certo e por não ligar desde quase sempre, a essas coisas do dinheiro.

Tinha 50 anos. Tinha conseguido muita coisa, à revelia da vontade de muitos que em mim nunca haviam acreditado. O carro, a mulher, o emprego, tardavam em aparecer. Começava a ficar convencido que nunca mais apareceriam, pois as minhas forças, sobretudo as psicológicas, não eram as mesmas. Mas...eu não insistia assim tanto, ele poderia ter um tipo competente com eles, trabalhando com eles e não queriam. Por outro lado, só poderia responder a concursos públicos com o grau. Foi por isso, para apressar todo o processo, sobretudo do mestrado, que decidi pedir um empréstimo, mais uma vez, tal como havia pedido para estudar filosofia em 97...

Ainda, mesmo além dos concursos, continuo a pensar que as universidades por onde andei precisavam de uma boa lição e até podia ser de moral, sobre a forma como me trataram. Mas pronto, agora são empresas e recrutam apenas as pessoas que mais querem, au-delá do mérito. Eu bem sei que sabem eles o esforço que tenho feito e de que há a figura do assistente convidado. Dá-me até uma certa raiva. Mas, enfim, não posso lutar toda a vida contra moínhos de

vento... Não me dá vontade alguma de frequentar novo mestrado, novo doutoramento, sobretudo porque sei do valor da tese que escrevi. Que eu saiba não impedi a ninguém para o fazer. Na verdade, sinto-me enganado por uma sociedade em quem confiei.

58

Fizeram a este país o que fizeram e eu creio que a punição da mãe natureza e até de Deus foi este vírus, que obriga as pessoas a ficar em casa, mais ou menos divertidas, mais ou menos deprimidas, porque creio que o Presidente cometeu um erro ao assinalar o estado de emergência tão cedo, noutros países não foi assim, como nos nórdicos. Mas há decerto, na consciência coletiva um estado de culpa pelo comportamento social desde 2012 e isso justifica por que grande parte das pessoas se mantêm em casa. Mas tudo isto é relativo. A falta do toque, do carácter afectivo, mina as relações sociais num povo que é carinhoso e caloroso...

Mas, em tudo isso, também há uma boa verdade: na minha biografia, deveria ter reagido mais cedo. Por esta altura teria mais frutos do que fui semeando.

Depois, fiquei pensando o seguinte, que o álcool e o tabaco me estavam matando. Peguei num livro de meditação budista e pensei: talvez o facto de Paulo Borges existir demonstra que o que conta é *esta* vida, esta via. Quando conseguir descolar escrevo algo de novo e significativo.

Liguei à minha irmã. Era Domingo. Durmi uma sesta, estava mentalmente cansado. Podia ser muito pior. Ao menos mantinha em aberto os meus projetos. Na verdade, estava estacado e à nora, talvez tivesse investido demasiado tempo em coisas fúteis como a filosofia, digo mal, é que a noção que eu tenho é que ela se presta a tudo e podem entranhar e estranhar a nossa

vida. Errado. Cada coisa no seu lugar. Como o chefe Ljubomir diz.

59

Afinal, para que serve a filosofia? Em certa medida, para resolver problemas, problemas humanos. Noutro sentido, para complicar, complexificar, o que é simples e evidente. O amor sempre fora coisa complicada para mim. Nunca me faltaram mulheres, sobretudo em novo. Mas eu quis sempre mais, sempre status, estudar. A princípio não via mal nenhum nisso, mas depois fui pensando que se não mudasse de profissão e encontrasse um qualquer trabalho michuruca nunca mais teria relação alguma de jeito. E o tempo foi passando e eu continuei a investir, com dinheiro que não é meu, numa carreira que, se avançava em termos conceptuais e de produção, demorou a implantar-se socialmente. E consegui. Hoje, em Lisboa, sou reconhecido e isso dá-me gozo e motivação para fazer melhor. E continuo à procura da dama das camélias. Nesses tempos de Covid-19, apetecia-me deixar de escrever mas, como se as ideias não parássem de surgir no meu espírito, fui andando, cautelosamente, conscientemente e com um pouco mais de sabedoria. A solidão era o que mais me custava e quando chegava a noite era pior. Tinha de me manter otimista. E pensar nos meus sobrinhos ajudava-me. E porque lida com as causas últimas, múltiplas, que vão além do humano, a filosofia não é pêra doce. Então, mulher, parei de procurar...

De resto, só se é bom filósofo com uma boa dose de amor tanto ao homem (e a mulher, claro), porque ele desafia as causas últimas que pouco têm a ver com o progresso e a liberdade liberal, ou seja, há uma filosofia de direita, mas

também a há de esquerda, ambas se complementam porque revelam as maneiras de pensar do homem, pois é o homem que reflecte, não um animal. Aí se pode falar de uma antropologia filosófica. É evidente que, em termos individuais, o encontro com o equilíbrio exige muito trabalho e esforço, por vezes também muito sofrimento. E, na falta de dinheiro para viajar ou fazer melhor a academia, escolhemos a filosofia, uma filosofia ou outra. Daí a instauração de um novo paradigma: reflexão filosófica na antropologia social e cultural e trabalho de campo etnográfico enquanto metodologia na área da reflexão filosófica. Nos termos de uma antropologia filosófica muito bem fundamentada.

Entretanto sei porque a pequenita não quis ficar em Riachos. Compreendo, mas nada podia fazer contra isso. Tratava-se da minha sanidade mental.

A pouco e pouco, o meu pai, embora não declaradamente, ia ficando mais meu amigo, eu sentia isso e dava-lhe entusiasmo para viver, nem tudo era mau, por vezes até dizia uma piada ou outra. Também a minha mãe estava mais calma, mas era um vulcão prestes a explodir na montanha, à mínima perturbação ameaçava ferver. Há uns dois anos que não comprava livros, as minhas "minas de inspiração" eram livros que fui juntando ao longo dos anos, em Lisboa e Riachos e alguns que, confessadamente, havia desviado para minha propriedade- Enfim, o dono que poderiam ter tido calhou ser eu mesmo... Não conseguia, ainda assim, deixar de pensar na minha mente porca e na licenciosidade de certo meu comportamento. Talvez precisasse de me confessar a um padre (ou uma padra) em vez de fazer psicanálise ou as duas coisas. Ainda assim, sabia que sendo um pouco, um pouquinho mais chato conseguiria mais alguma coisa. Mesmo sob o risco de uma certa crítica.

Pensava em muita coisa antes de dormir naquele dia, enquanto o miúdo estava no computador já passava da meia-noite. Pensava na fôfa cama de Lisboa e no porquê de o meu pensamento sempre se deslocar para cima. Eu não me sentia fracassado, por várias razões, umas mais teóricas do que outros. Mesmo assim, percebia que, estando nós interdependentes, sobretudo depois do Covidi-19, o sucesso de uns era devido ao insucesso de outros. Ou seja, para saberes ganhar tens de saber perder e perder inúmeras vezes, ao ponto do desespero. Ou seja, quem ri por último ri melhor. Coisas da vida, reais, que nos querem ocultar. É claro que me custava ir dormir sem ter uma companhia para tal. Mas pensava nos velhotes, talvez fosse mais correto ficar assim, ficar por aqui, pois quando fossem para outro lugar se lembraria muito mais de mim, como Teresa d'Ávila e Teixeira de Pascoaes, para não falar de São João da Cruz.

60

Riachos, àquela hora, fazia-me lembrar Corbeil à noite, tendo eu passado a noite na estação e a manhã seguinte dando por lá umas voltas procurando o primeiro comboio para o centro de Paris, tudo por causa de uma precipitação minha, deixar as coisas logo em Espanha entregues a três espanhóis mafiosos e abandonar o saco com todos os meus pertences a um romeno que os pegou logo que sentiu que o saco estava só. Nesse dia, foram oito cervejas, todas à socapa da minha mãe, uma garrafa de tinto, dois bagaços. Desde há dois anos sempre a beber bem, bastante, por vezes como um louco, se calhar até com um único motivo: a escrita, a ânsia de se tornar célebre enquanto o Danny queria o esquecimento, o anonimato. Também eu queria, um anonimato famoso ou um famoso anonimato. De uma maneira ou de outra, percebi que o trabalho que fazemos sós, fora de qualquer contexto profissional, hoje em dia, gera mais retorno qualitativo e quantitativo do que aquele que se faz burocraticamente, só para comer e pagar as contas. Veja-se o Rendimento Básico Incondicional, por exemplo. O trabalho clássico acabou. O sujeito, actor social, tem de se desdobrar nas mais diversas tarefas e temáticas. Essa tematização complexifica o acesso ao saber e nem mesmo o acesso ao saber é clássico, presencial, há a telescola que, diz o ministro, se vai manter para além da crise que se conta vencer.

"Matilde, porque não vieste? Era Domingo e eu pensei que me querias ver."

Talvez fosse este o livro que nunca escreveria, de tanta dor me deu a tê-lo, a extraí-lo do meu Ser... A arte não se força, embora seja na sua grande parte transpiração e sangue...

Assim, fui avançando nas minhas ideias. Não podia contar com a mulher que não existia, que não havia ocupado um lugar no meu coração. Talvez essa mulher fosse a minha mãe, mesmo que ela me tratasse mal, o que eu lhe desculpava por causa da idade. Muito resistira ela e o meu pai também, à custa essencialmente da minha conduta correta e estouvada, que agora ia polvilhando com imaginação para que se tornasse mais suportável, seminal e especular. Entre dias e dias de crise e chuva, verifiquei que estava mais preparado para dar aulas e comecei a traçar o sentido dos meus dias futuros e isso dava-me um bom sentido de segurança. Faria os dois mestrados e o doutoramento? Talvez, pois precisava de créditos para dar aulas. Continuar a escrever ficção realista? Porque havia desistido da poesia? Porque havia deixado de ler como antes? Certo que os meus melhores amigos, os livros, ainda estavam no meu redor e isso de certo modo dava-me outro sentimento de segurança, como se eu me revelasse a pouco e pouco ao leitor...

Aliás, eu sabia que nas faculdades de que dizia mal havia gente que gostava de mim e então fiquei moderando a minha vontade de dar aulas no superior. Mas...e se houvesse uma solução entre secundário e superior. O politécnico? Não podia voltar para trás, porque a tese, mesmo a meu pedido, não voltara de novo para trás...

61

Chegava a noite e, mais uma vez, sentia-me triste. Ouvia o David Fonseca na canção do Vítinho. Ainda fui até eles, a casa, e a mãe deu-me nova reprimenda, desta vez por ter fechado o carro e trazido a chave para casa. O meu pai ficou lixado e a minha mãe secundou-o. A minha irmã estava-se, digamos, a borrifar para tudo desde há algum tempo, não sabia o que ela queria da vida, nem me interessava, acabei por perder a vontade de ser mais simpático com ela. O meu cunhado era cada vez mais bizarro, não se podia falar com ele, enquanto o meu irmão dizia que eu tinha de "sofrer na pele" e isso mostra a sua ideia a meu respeito. Por isso fui perdendo a vontade de lhe falar. Depois, pensei neste ponto de vista: se o meu pai não me dispensava um carro, era até à última; se ele fosse embora antes de mim e eu pegasse num dos carros, será que ele se daria conta disso? Então? Há uma segunda vida? E as vidas passadas? Será que ele ficaria contente por eu tomar conta das coisas? A coisa encaminhava-se assim.

Mais um dia. Procuro estar ocupado, mesmo que patine em certos conceitos. Sonhei coisas bastante lúcidas que me põem bastante bem disposto. A mãe está na mesma rabugenta, o pai na Casa Nova. Em tudo isto, a minha mãe estava farta de trabalhar e tinha absoluta razão. E eu estava farto de fazer filosofia para nada, ninguém me dizia nada sobre a tese. Quanto mais trabalho enquanto professor. E até compreendia a minha irmã, que me ajudava e "eles"

não ligavam nenhuma, os tipos das faculdades. Se não fosse a crise e não tivesse que estar em casa, toda esta espera de um lugar como professor soaria a estupidez e crueldade, da para dos professores de Letras, pois me apresentei como candidato a propósito de vários concursos e não me aceitaram. Por estas e por outras, vou mudando de rumo, pois não nasci para sofrer. Ainda assim, intentava em não desistir, talvez por causa dos jovens.

62

Parecia também estar um pouco desesperado. E, passados uns tempos, acalmei e deixava viver o meu pai e a minha mãe em paz, ajudando ainhda no que fosse necessário. Ele talvez quisesse que eu ficasse por Riachos no futuro. Eu satisfazia-lhe a vontade na metade, entre Riachos e Lisboa...

Deveria eu, apesar da falta de acção e divertimento, considerar-me sortudo, porque tinha uma coisa muito mais importante do que o amor, que podia acontecer a qualquer momento, do que o dinheiro, sempre adiável embora imprescindível, muito além do carro, pois havia transportes públicos e essa coisa era o Tempo, sim, o Tempo para pensar, reflectir, escrever. Sim, este livro acaba comigo em Riachos... seguindo os passos do meu pai, quando poderia estar a milhas e não havia nada de anormal socialmente nisso, estava mais do que correto, mesmo que me chamassem mesquinho e ridículo ao meu Cvitae...

Não sabia o que fazia, não sabia o que fazer, se continuar este livro se ficar por aqui. Tinha saudades da Lisboa das ruas estreitas e íngremes, como aquela que, na minha aldeia, conduzia à Igreja, ao Alcamen. Todos, mesmo na prisão de nós mesmos, procuramos sempre uma saída para uma certa forma de pensamento, de fisicidade, porque é esse o destino maior do homem: ser livre.